

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CAMYLLE LAÍS PEDROSA NEVES DOS SANTOS

DO ÉPICO CLÁSSICO AO POEMA MODERNO:

A representação da Ilha dos Amores em *Os Lusíadas* (1572) de Luís Vaz de Camões

RECIFE

2026

CAMYLLLE LAÍS PEDROSA NEVES DOS SANTOS

DO ÉPICO CLÁSSICO AO POEMA MODERNO:

A representação da *Ilha dos Amores* em *Os Lusíadas* (1572) de Luís Vaz de Camões

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) como requisito necessário para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Kleber Clementino da Silva.

RECIFE

2026

AGRADECIMENTOS

Realizar esta pesquisa foi, acima de tudo, confrontar todos os meus medos e inseguranças. Depois de dois anos pesquisando sobre Luís Vaz de Camões e “engatinhando” no mundo da pesquisa, pude, enfim, compreender o provérbio que diz “Depois do medo vem o mundo”. Porém, os meus medos só foram superados, pois tive a quem recorrer. Quando mais nova – bem mais nova do que atualmente –, eu acreditava estar sozinha. Mas, ao escrever os agradecimentos, eu pude perceber que nunca estive só, nem por um momento sequer.

O primeiro lugar eu gostaria de dedicar à minha amada mãe, minha melhor amiga. Agradeço pelo apoio, pelos conselhos, por ouvir, tarde da noite, as polêmicas e dificuldades que enfrentei na universidade, e por me acolher enquanto eu chorava de cansaço, dúvidas, frustrações e medos. Sem a senhora, o caminho percorrido até aqui teria sido mil vezes mais angustiante. A senhora sempre foi e sempre será um espelho para mim, dona Nívea.

Em segundo lugar, eu dedico ao meu amado avô e pai Antônio Quintino. Crescer ao lado de vovô fez com que eu enxergasse como deve ser amor puro de um pai. Me ensinou não somente matemática com a maior paciência – o que precisou de muita –, código morse e amar cafés, mas principalmente como devo ser amada e respeitada. Infelizmente escrevo hoje sem tê-lo aqui, mas sempre estará presente em meu coração.

Gostaria de agradecer a Tatiana Rodrigues, minha amiga do Ensino Médio. Tatiana deveria ganhar o diploma junto comido, do tanto que já contei de tudo que aprendi ao longo destes quatro anos. A minha empolgação em aprender sempre algo novo era, também, para dividir com você. Obrigada por ser minha parceira em todos os momentos difíceis, obrigada por me fazer sorrir mesmo quando estive triste - o que você diz que não é muito difícil, mas é sim.

Leonardo, ou, como eu chamo, “Leo”, dedico este espaço à você. Obrigada por me apoiar desde a época do vestibular até o fim da graduação. Você é luz por onde passa e alegre a todos com suas brincadeiras e sorriso genuíno. Sem o seu apoio - e você sabe qual-, eu teria enfrentado mais dificuldades na Universidade.

Além dessas pessoas queridas, há também o meu trio na Universidade: Maurílio Carlos e Caio Vasconcelos. Quando eu perdi a minha avó (grande dona Neusa), aos 15 anos, eu pensei em me fechar para mundo, não quis conhecer mais ninguém, pois achava que não

iria aguentar passar pela dor da perda novamente. No entanto, com o passar do tempo, este desejo foi deixado de lado. Quando entrei na Universidade e conheci vocês, agradei por ter aberto o meu coração: conhecer vocês foi a melhor parte da vida acadêmica. Sorrir, reclamar e fofocar com vocês sempre foi e sempre será o meu ponto de “conforto acadêmico”.

Ainda nos colegas da graduação, eu não poderia deixar de lado as queridas da minha turma, que tornaram a sala de aula um lugar mais acolhedor: Maria Giovana, Maria Victória e Lídia Souza. Giovana, Victória e Lídia, obrigada pelas brincadeiras, conversas e elogios. À Giovana, agradeço por ter tornado as aulas se tornavam muito mais divertidas ao seu lado, não precisávamos dizer uma palavra, nos entendemos pelo olhar e, como gosto de dizer, “rachávamos o bico”.¹ Grande Lídia, que lindo foi acompanhar a sua evolução na graduação. Sua dedicação me inspirou a sempre continuar dando o melhor de mim, mesmo em meio às dificuldades. Sobretudo, gostaria de agradecer à minha dupla do Rio Doce - Dois Irmãos, Maria Victória. 1h30 para chegar em casa passava mais rápido na sua companhia.

Não apenas as damas, mas também ao cavalheiro Matheus Procópio, minha primeira dupla na Universidade. Nunca deixe de ser quem és, pois sempre que estiver ao seu lado, o sorriso me era garantido. Ademais, gostaria de agradecer à Diogo “Metálico”, por ser o meu companheiro de R.U, choros e risadas. Foi muito bom dividir esses três anos ao seu lado. Caruaru tem o melhor professor que poderia ter.

Dedico, agora, estas últimas estrofes aos docentes que atravessaram a minha experiência acadêmica e a transformaram. Gostaria de agradecer ao professor Uiran Gebara, por ter paciência de me indicar autores, mas também por ser um professor *rochedo*; as reuniões do LEIA são muito mais divertidas com as pérolas que o senhor compartilha. O LEIA foi o meu primeiro contato com a pesquisa acadêmica, de modo geral, e tenho um carinho imenso pelo laboratório. Da Antiguidade à Modernidade – mas com rupturas aqui –, gostaria de agradecer ao professor Bruno Boto e Gustavo Acioli, que sempre me indicaram os melhores autores para a minha pesquisa e por sempre se disponibilizar a emprestar livros preciosos, os quais contribuíram ricamente para a escrita da presente monografia.

Em penúltimo lugar eu gostaria de agradecer a Arthur Feller, meu co-orientador de mentirinha. Obrigada por mandar áudios longos e por ter a paciência de me explicar até as coisas mais básicas. Sem você, eu não teria avançado tanto quanto avancei. Agradeço por devolver a minha confiança enquanto passei por momentos difíceis pesquisando. És um

¹ Gargalhar, sorrir, no idioma nordestino, recifense.

excelente orientador - claro, aprendeu com o melhor-, sou sortuda de ter sido a sua primeira orientanda.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu orientador, Kleber Clementino. Quando tive a oportunidade de conhecê-lo, na época que cursei a disciplina História Medieval I e II, eu tive certeza de que o queria como meu orientador. Eu costumo brincar com os meus amigos de que a nossa reunião é composta 90% do Kleber me acalmando e os 10% assuntos voltados para pesquisa. Reconheço que não fui uma orientanda fácil, sobretudo por causa da minha agonia, mas acredito que um dia o senhor também sentiu esta ansiedade de precisar correr, pois não se tem nada na vida. Obrigada por me orientar ao longo desses anos, pela companhia, pelo apoio e, principalmente, por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditava.

Sou grata pela companhia de todos vocês. Sozinha, eu não teria conseguido. Todos vocês estão gravados em meu coração.

Dedico este trabalho ao meu amado avô Antônio Quintino (*In Memoriam*), que sempre me incentivou a seguir os meus sonhos, e à minha amada mãe Nívea Pedrosa, que enfrentou montanhas para que eu pudesse realizar o que tanto desejei: obter o título de historiadora.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo caracterizar a maneira como Luís Vaz de Camões representa a *Ilha dos Amores*, inspirado nas *Metamorfoses*, de Ovídio. Para alcançar tal objetivo, a pesquisa concentrou-se em uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e análise das fontes, por meio da metodologia do conceito de Representação de Roger Chartier e do Contextualismo Linguístico de Quentin Skinner, para construir os possíveis caminhos que Camões trilhou para representar a *Ilha dos Amores* n'*Os Lusíadas*. Paralelamente, adotou-se o modelo de tríplice mimese (Mimese I, II e III), de Paul Ricoeur, como aporte teórico para concluir a importância da recepção de uma obra para a escrita de um texto, isto é, a recepção de Ovídio para elaboração da *Ilha de Camões*. Dessa forma, através dos autores do aporte teórico e metodológico buscou-se apresentar como uma obra pode ser lida e interpretada de diferentes maneiras, alterando o sentido e a construção de novas obras; ressaltando a representação da *Ilha dos Amores* para crítica e glória ao Império Português. Mas acima de tudo, este estudo buscou elucidar sobre como um discurso político pode ser usado para reverberar ideias e pensamentos, para preservar a memória da Era das Grandes Navegações.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Humanismo; Recepção; Memória.

ABSTRACT

This study aimed to characterize the way Luís Vaz de Camões represents the Island of Love (*Ilha dos Amores*), inspired by Ovid's *Metamorphoses*. To achieve this objective, the research focused on a qualitative approach, bibliographical in nature, alongside source analysis, utilizing Roger Chartier's concept of Representation and Quentin Skinner's Linguistic Contextualism as methodologies to reconstruct the possible paths Camões took to represent the Island of Love in *The Lusiads* (*Os Lusíadas*). Concurrently, Paul Ricoeur's threefold mimesis model (Mimesis I, II, and III) was adopted as a theoretical framework to demonstrate the importance of a work's reception in the writing of a new text —namely, the reception of Ovid in the creation of Camões' Island. Thus, through the chosen theoretical and methodological authors, this study sought to present how a work can be read and interpreted in different ways, altering meaning and shaping the construction of new works, while highlighting the representation of the Island of Love as both a critique and a glorification of the Portuguese Empire. Above all, however, this study sought to elucidate how a political discourse can be used to reverberate ideas and thoughts in order to preserve the memory of the Age of Discovery.

KEYWORDS: Representation; Humanism; Reception; Memory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. DO CONTEXTO HISTÓRICO À ESCRITA D'OS LUSÍADAS.....	17
2.2 O Desejo de uma Segunda Época Dourada.....	24
3. A INTERTEXTUALIDADE MITOLÓGICA: DIÁLOGOS ENTRE AS METAMORFOSES E OS LUSÍADAS (A ILHA DOS AMORES).....	32
3.1 Alvorecer do Humanismo: O retorno ao Mundo Antigo.....	34
3.2 A Recepção de Ovídio em Camões.....	37
3.3 A Idade de Ouro e Bronze Antiga: Uma segunda época dourada portuguesa...	42
3.4 Entre a caça e o caçador: a estética de caça.....	45
4. A ILHA DOS AMORES COMO POEMA MODERNO: ALEGORIA E CRÍTICA.....	53
4.1 Os Usos do Mito na Ilha de Camões.....	54
4.2 A Construção da representação da <i>Ilha dos Amores</i>.....	57
4.3 A Representação da <i>Ilha dos Amores</i>: O Olhar Crítico sobre a Moral.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa *Ilha dos Amores*, Cantos IX e X d'*Os Lusíadas*, escrito pelo poeta português Luís Vaz de Camões (1524?-1580). Sendo os cantos finais da obra, a Ilha é o prêmio aos portugueses, sobretudo a Vasco da Gama (1469-1524), por terem realizado com êxito a expedição da qual saíram de Portugal, em 1497, contornaram a costa leste africana e chegaram, por fim, à Índia. O capitão Gama, a quem Camões atribui o papel de personagem principal da narrativa, foi um navegador e comandante de algumas expedições marítimas, durante o período da expansão ultramarina portuguesa. A Ilha foi construída pela deusa Vênus, após ver o esforço e dificuldade que Vasco da Gama e a sua tripulação enfrentam. Assim, comovida com o feito e por ter os protegido de Baco – personagem místico que tenta sabotar a expedição de Gama –, Vênus cria a Ilha e pede ajuda ao Cúpido, para que ele acerte os corações das ninfas, pois elas teriam uma missão: satisfazer os portugueses.

Para fundamentar a caracterização da Ilha, será necessário apresentar Camões dentro do contexto histórico político e cultural de Portugal do século XVI, como parte fundamental para compreensão da obra. Outrossim, apresentar historicamente a importância do Humanismo e Renascimento para a escrita d'*Os Lusíadas*, isto é, a *Ilha dos Amores*. Na Ilha, as ninfas seguiram o plano da deusa e encantaram a tripulação de Gama, que, após a união sexual entre os seres místicos e humanos, houve um banquete preparado pelas sereias. É, neste momento, que Tétis aparece na narrativa para cantar as profecias a Vasco da Gama. Ela o leva até um monte, um local mais reservado da Ilha, e o apresenta à Máquina do Mundo. Essa máquina mostra o funcionamento do mundo na percepção de Camões, tornando possível localizar como a ciência era vista no século XVI por ele. Entre as descrições das esferas, para onde as almas iam após a morte, Tétis mostra a Gama todas as terras que o Império Português iria conquistar depois dessa viagem ultramarina.

Paralelamente, o presente estudo busca investigar a intencionalidade de Camões ao recorrer aos usos da Mitologia Clássica para a representação da *Ilha dos Amores*, investigando especificamente a influência do livro *Metamorfoses* de Ovídio. Portanto, foi possível observar ao longo do estudo do seu contexto histórico em paralelo à escrita da obra, que a Ilha é o reflexo dos acontecimentos o qual Camões estava inserido. As crises no Império Português ocorreram não apenas na metrópole, mas também nas colônias: como no Marrocos (1565-1575), ocasionado por um confronto crescente entre os mouros – os Xarifes Sádidas, ou Dinastia Saadiana (1549-1659) –, e os portugueses, de teor político e militar, resultando no recuo das praças africanas.² Tal decadência territorial ocorreu por uma política de abandono dessas possessões portuguesas no território marroquino, ministrada pelo rei D. João III (1502-1557), mediante os confrontos e resistências, por exemplo, nos reinos de Fez e Marraquexe. Entretanto, não houve uma estratégia para a política de abandono, o que acarretou no enfraquecimento de outras praças que ainda não haviam sido tomadas pelos mouros – como fora visto com o xarife Mawley Muhammad Shaykh, em 1549, que conquistou o reino de Fez.³ Este contexto de crise na colônia portuguesa tem relevância para D. Sebastião (1557-1578), pois, motivado pelo espírito cruzadista medieval, realizou uma Cruzada com o destino ao Marrocos, resultando em uma severa consequência para o Império Português.⁴

Após o falecimento do rei D. João III, em 11 de junho de 1557, Portugal encontrou-se em um momento de insegurança: havia o temor de que o Império Espanhol assumisse o trono português, uma vez que o monarca faleceu sem deixar herdeiros ou um possível sucessor em seu testamento. Receosos do controle espanhol, a corte portuguesa coroou D. Sebastião, ainda criança, como rei de Portugal. Como o jovem monarca ainda não possuía a idade suficiente para governar, a rainha D. Catarina tornou-se regente do Império. Assim, esse período regencial, primeiro da rainha Catarina e posteriormente do Cardeal D. Henrique, também é marcado por instabilidade, ocasionado por brigas políticas entre ambos.⁵ Já em maioridade, D. Sebastião assume o Império Português em 1568, trazendo reformas para o Estado.⁶ Como fora

² FARINHA, António Dias. *Portugueses em Marrocos*. Instituto Camões: Coleção Lazúli, 1999. p. 55.

³ *Idem*, p. 55.

⁴ CONDESO, Sofia. *A crise do Império português na segunda metade do século XVI*. RTP Ensina, 2021. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/explicador/a-crise-do-imperio-portugues-na-segunda-metade-do-seculo-xvi-h49/>. Acesso em: 28 de jun de 2026.

⁵ Tais brigas políticas dificultam a relação entre a rainha Catarina e o Cardeal D. Henrique, conselheiro do Império, pois ambos tinham perspectivas de governança que divergiam: a rainha Catarina tinha perspectivas políticas que aliava-se a Espanha, o que, por outro lado, o Cardeal discordava.

⁶ RAMOS, Rui; VASCONCELOS e SOUSA, Bernardo; MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014, p. 257.

dito, D. Sebastião realizou uma cruzada para o Marroco, contudo, este ato só foi concretizado porque o monarca cresceu a acompanhar as dificuldades no território africano durante o reinado do seu avô. Importante frisar que como o jovem monarca recebeu educação jesuítica, então o seu intuito não era unicamente retomar os territórios perdidos, mas acima de tudo, expandir o cristianismo.⁷

Ademais, Camões presenciou a aurora do humanismo em Portugal, que o possibilitou que tivesse acesso a textos clássicos, escritos na Antiguidade. Foi por causa do movimento humanista que Camões, inspirado nas *Metamorfoses* de Ovídio, criou a Ilha e o simbolismo do prêmio por trás dela.⁸ Públio Ovídio Nasão (43 a.C-?) foi um grande poeta romano na Antiguidade, que escreveu obras como *Amores*, *Heroides*, *Ars Amatoria* e as *Metamorfoses*, fonte fundamental para esta pesquisa. Ao longo das *Metamorfoses* é possível notar a semelhança de algumas narrativas, por meio do estilo estético e de deuses que também aparecem na *Ilha dos Amores*.

O uso dos escritos clássicos possibilitou que Camões utilizasse as *Metamorfoses* de Ovídio como fonte para apresentar os deuses e criar novos outros. Em Ovídio, Febo, Dafne, Júpiter, Juno, Jove, Vênus, Marte, Diana, Baco, Netuno, Proteu e as ninfas aparecem na sua narrativa, pois trata-se de uma cosmogonia do Universo. Em Camões, por outro lado, todos esses seres místicos aparecem na Ilha, mas são utilizados de uma maneira diferente. Enquanto nas *Metamorfoses* os deuses são o eixo principal da história, n'*Os Lusíadas*, o fio condutor localiza-se nos portugueses. Dessa maneira, os usos do passado (a mitologia) são como um aparato narrativo, em que Camões utiliza os deuses para engrandecer o Império Português. Portanto, é a partir desta investigação de como Camões utiliza os seres mitológicos presentes na Ilha, que encontra-se um caminho para a pergunta problema da presente pesquisa: De quais modos Luís Vaz de Camões, inspirado nas *Metamorfoses* de Ovídio, constrói a representação da *Ilha dos Amores*?

Durante essa fase do humanismo, autores modernos, como João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda e, puxando um pouco para além de Portugal, Nicolau Maquiavel, vão recorrer aos textos clássicos para compreender os acontecimentos do seu tempo. Dessa maneira, para responder a pergunta que impulsionou o presente trabalho, será necessário realizar uma pesquisa de caráter analítico-interpretativo, com base no levantamento bibliográfico e análise das fontes, isto é, as *Metamorfoses* e *Os Lusíadas*, por meio do

⁷ *Idem*, p. 257.

⁸ TUTIKIAN, Jane. *Os Lusíadas*. Porto Alegre: L & PM, 2022, p. 2.

Contextualismo Linguístico do historiador britânico Quentin Skinner e o conceito de Representação de Roger Chartier como o aporte metodológico. Paralelamente, para o aporte teórico, será necessário recorrer à tríplice mimese (Mimese I, II e III) de Paul Ricoeur. Para tanto, Quentin Skinner será utilizado para apresentar o contexto histórico de Camões, uma vez que o autor busca compreender não o evento histórico de forma macro, mas sim, micro, a partir das suas ideias e pensamentos:

(...) e nos permite definir o que seus autores estavam fazendo quando os escreveram. Podemos começar assim a ver não apenas que argumentos eles apresentavam, mas também as questões que formulavam e tentavam responder, e em que medida aceitavam e endossavam, ou contestavam e repeliam, ou às vezes até ignoravam (de forma polêmica), as idéias e convenções então predominantes no debate político.⁹

Trata-se, portanto, de interpretar e apresentar os atos de fala, para compreender de que modo Luís Vaz de Camões agia e pensava. Compreender o poeta português é, fundamentalmente, analisar o fazer político e religioso no período moderno, dos anos de 1540 – ano em que os biógrafos de Camões, como o próprio Faria e Sousa, acreditam que ele tenha iniciado a escrita de *Os Lusíadas*. Para tal, é necessário que a pesquisa tenha um olhar investigativo das intenções de Camões, uma vez que Skinner menciona sobre:

Estudar o contexto de qualquer grande obra de filosofia política não significa apenas adquirir uma informação adicional sobre sua etiologia; também implica dotar-nos, como adiante argumentei, com um meio de alcançar maior visão interna do que seu autor queria dizer, maior certamente do que jamais poderíamos esperar obter se nos limitarmos a ler o texto ‘vezes e vezes sem conta’, como propuseram os expoentes do procedimento ‘textualista’¹⁰

Essa metodologia permitirá caracterizar as maneiras como Camões representa a *Ilha dos Amores* não de forma isolada, recorrendo apenas como uma análise literária, mas principalmente a localizar o contexto histórico político-cultural que ele estava inserido. Não obstante, buscou-se recorrer ao conceito de representação de Roger Chartier, uma vez que a própria atividade historiográfica é definida essencialmente como um exercício de interpretação. O historiador francês elucida que as representações não nascem de uma única pessoa, mas sim de grupos e sociedades. E, portanto, sociedades diferentes criam visões diferentes do mesmo mundo. Essas visões costumam mostrar os conflitos, disputas e interesses que existem entre os grupos daquela época. Assim, em seu livro *História Cultural*:

⁹ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.9.

¹⁰ *Idem*, p. 13

entre práticas e representações, o autor diz: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.¹¹ Isso significa que, por mais que alguém tente ser neutro ao criar uma imagem ou um texto sobre a sua realidade, essa criação sempre será influenciada pelo que o seu grupo social pensa e valoriza.

Nessa perspectiva, a maneira como Luís Vaz de Camões representa a *Ilha dos Amores* surgiu da intersecção entre a sua própria experiência de vida e de seus interesses. O modo como um grupo enxerga o mundo ao seu redor define como ele age e se comunica. Por isso, apresentar a caracterização da Ilha de Camões nos ajuda a compreender como o poeta via o mundo: quais eram os seus conselhos, críticas e frustrações, mas principalmente o que ele idealizava para o futuro do Império Português e do monarca D. Sebastião. Sob essa ótica, Chartier destaca que o significado de uma obra depende do encontro entre o leitor e o livro. Como é visto no texto de Chartier: “A leitura é prática, criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às interações dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma caça furtiva, no dizer de Michel Certau.”¹² Ou seja, o leitor não é uma folha em branco, esperando que o livro o preencha. Muito pelo contrário.

O sentido de uma obra não fica reservado somente ao que o escritor queria dizer ou ao formato do livro, ele nasce a partir da interpretação do próprio leitor. Esse elo entre o texto e o leitor ajuda a construir a ponte para o próximo autor desta pesquisa, que também defende que os dois lados são essenciais para analisar uma obra. Paul Ricoeur, por sua vez, elucida que a temporalidade humana torna-se tempo humano na medida em que é articulada de forma narrativa. Para provar a mediação entre a atividade de narrar e o caráter temporal da existência – isto é, a “mediação entre tempo e narrativa” –,¹³ Ricoeur propõe o modelo da Mimese I, II e III, que serão utilizados como o aporte teórico da presente pesquisa. Dessa forma, a Mimese I refere-se à prefiguração: a pré-compreensão da ação humana que o autor e o leitor compartilham antes da criação da obra – por sinal, o leitor possui um papel de destaque para Ricoeur, pois “o leitor é o operador por excelência que assume, por seu fazer – a ação de ler – a unidade do percurso de mimese I a mimese III através de mimese II.”¹⁴ Todavia, para chegar a este entendimento, o filósofo francês baseia-se em três traços

¹¹ CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990, p.17.

¹² *Idem*, 1990, p. 123.

¹³ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (Tomo I). São Paulo: Papyrus, 1994, p.86.

¹⁴ *Idem*, 1994, p.87.

importantes: primeiro o aspecto estrutural, na qual é capacidade de identificar uma ação por meio de uma trama conceitual – isto é, quem agiu, como, com quem e, principalmente, por qual motivo.

Nesse quesito, é possível observar uma conexão com Skinner, uma vez que o próprio busca compreender os motivos de alguém fazer algo; ambos caminham uma linha tênue entre ações e intenções, na qual visam que: “compreender uma história é compreender ao mesmo tempo a linguagem do ‘fazer’ e a tradição cultural da qual procede a tipologia das intrigas”. Já o segundo “ancoramento” é a mediação simbólica, visto que toda ação humana já é simbolicamente mediada antes de ser narrada por meio de signos, regras e normas culturais, tendo o contexto e a ação como grande importância, uma vez que “O próprio gesto de levantar o braço pode, segundo o contexto, ser compreendido como maneira de saudar, de chamar um táxi, ou de votar. Antes de serem submetidos a interpretação, os símbolos são interpretados internos da ação”.¹⁵ Ou seja, é com base no contexto histórico que é possível compreender a ação de cada indivíduo. Nesse sentido, o simbolismo presente na *Ilha dos Amores* não é unicamente um recurso literário.

Pelo contrário, no contexto histórico político-cultural português do século XVI, a *Ilha* é uma demonstração clara da posição política e religiosa do autor. O final do campo prático de Ricoeur, a temporalidade ou intratemporalidade, busca frisar que o tempo do “ser-no-mundo” precede a organização linear ou histórica. Assim, com base na Mimese I (Prefiguração), pretende-se analisar o contexto de Camões e as mediações simbólicas da época. Paralelamente, a Mimese II (configuração ou Tessitura da Intriga), é a criação do “mundo do texto”. Isto é, o filósofo francês utiliza da Mimese II como “pivô” que canaliza uma história de forma abrangente dos casos individuais, no qual “Compreender a história, é compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a essa conclusão (...)”.¹⁶ Dessa forma, a *Ilha dos Amores* deixa de ser caracterizada apenas como um recurso literário, para ser representada como uma expressão política e religiosa de Camões.

Por fim, a Mimese III (Refiguração ou a Recepção), apresenta o momento em que a obra se encontra com o leitor e retorna ao tempo de agir, na qual “marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor”.¹⁷ Em outras palavras, há uma intersecção entre o mundo do texto – o autor da obra – e o mundo do leitor. Como fora dito no início da

¹⁵ *Idem*, p.94.

¹⁶ *Idem*, p.105.

¹⁷ *Idem*, p.110.

fundamentação teórica, o leitor possui uma posição de destaque para tese de Paul Ricoeur, visto que é por meio da pré-compreensão do mundo do leitor que há uma transformação da obra – essa transformação nada mais é do que uma compreensão –, pois é através da maneira diferente de olhar, que há um novo significado para o texto. Essa hermenêutica faz-nos recordar da hermenêutica de Hans Georg Gadamer, na qual tal teoria “Nada mais é do que uma filosofia da compreensão que evidencia a interpretação e compreensão dos textos, da história e da cultura como processos mediados pelo receptor, pelo intérprete”.¹⁸ Desse modo, os “pré-juízos”, que são pré-compreensão do mundo, fazem com que o leitor, assim como Camões fez: interpretou a narrativa das *Metamorfoses* sobre uma nova ótica.¹⁹

A partir desse recorte teórico-metodológico, a presente pesquisa foi estruturada em três capítulos para responder, de forma ordenada, aos objetivos propostos. No primeiro capítulo, buscou-se apresentar o contexto histórico de Camões em paralelo ao do Império Português. Ou seja, Camões além de ter sido poeta, também fora militar, então as expedições militares presentes n'*Os Lusíadas* foram vividas pelo próprio poeta, como o seu naufrágio. Em seguida, foi apresentado o que Camões desejava, diante da instabilidade da corte e da sua própria vida, para o Império. A construção do capítulo teve como guia a partir de um questionamento: De que forma o contexto histórico que Camões estava inserido, seja como militar seja como poeta, tiveram impacto e serviram de inspiração para a escrita d'*Os Lusíadas*?

No segundo, abordamos a tradição humanística na Europa e principalmente e no Portugal do século XVI, retornando aos primórdios do movimento humanista. Não somente, buscou-se apresentar, por meio do humanismo, a recepção de Ovídio em Camões. Exposto brevemente o contexto cultural, focalizou-se em analisar as semelhanças entre a escrita de Ovídio e Camões, unindo a reflexão de autores como Ana Santos Coelho, Belmiro Fernandes Pereira, Carlos Maria Bobone, Aníbal Pinto de Castro, Eduardo Bueno, Américo da Costa Ramalho, em paralelo do aporte teórico de Paul Ricoeur e metodológico de Quentin Skinner, procurando pensar: De que modo Ovídio (*Metamorfoses*) influenciou na escrita da *Ilha dos Amores*? De que maneira uma obra literária pode ser analisada e compreendida como um discurso político-religioso?

¹⁸SANTOS, Camylle Laís Pedrosa Neves dos. *Entre a Factualidade Histórica e a Mitificação Heroica: A Representação de Vasco da Gama na poesia épica de Luís Vaz de Camões em Os Lusíadas 1572*. Recife: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2024, p. 7.

¹⁹GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

No último capítulo, dedicamo-nos à análise da representação da *Ilha dos Amores*, expondo o sentido dos usos dos mitos e quais foram as mudanças que Camões implementou na sua epopeia camoniana. A partir da estruturação da Ilha, pensamos de que forma o poeta português apropriou-se dos usos dos seres mitológicos como uma ferramenta simbólica para representar os acontecimentos do seu tempo. Por fim, foi mobilizado autores como Ana Maria de Albuquerque Binet, Arthur Feller Rigaud Cardoso, Camylle Santos, Alcir Pécora, ao lado do aporte teórico do historiador Roger Chartier, para responder a pergunta central da pesquisa: De quais modos Luís Vaz de Camões, inspirado nas *Metamorfoses* de Ovídio, constroi a representação da *Ilha dos Amores* n'*Os Lusíadas*? Podemos antecipar que toda obra possui uma intencionalidade, e a de Camões era, através da *Ilha dos Amores*, criticar a percepção de decadência moral, glorificando o passado heroico e propondo um caminho de restauração e imortalidade para o Império Português, por meio da memória e do exemplo dos grandes reis e navegantes da Era das viagens ultramarinas portuguesas.

2 DO CONTEXTO HISTÓRICO À ESCRITA D'*OS LUSÍADAS*

Uma obra literária pode elucidar os acontecimentos do seu tempo: explicitar mensagens implícitas e explícitas em seus anseios e sonhos. O livro *Os Lusíadas*, escrito pelo poeta português Luís Vaz de Camões, é o reflexo dos acontecimentos de Portugal na segunda metade do século XVI. Camões narra a história do Império Português sob a ótica da Viagem de Vasco da Gama em seu livro e, sobretudo, mostra-nos o que desejava para tal Império: uma segunda época dourada. Faz-se necessário, portanto, articular a vida de Luís Vaz de Camões ao contexto histórico no qual ele estava inserido, para que seja possível compreender a representação que ele constrói sobre a *Ilha dos Amores*. Dessa forma, pretende-se analisar as crises que Portugal enfrentou na segunda metade do século XVI, principalmente no Estado da Índia Portuguesa, entre os anos de 1565-1575, e a instabilidade na corte portuguesa após o falecimento do rei Dom João III (1502-1557).

Ao apresentar a posição social e analisar as crises, será possível compreender o papel de Camões dentro desse contexto, mas, acima de tudo, como o acesso aos textos de Públio Ovídio Nasão moldaram a sensibilidade do poeta n'*Os Lusíadas*. Assim, sua obra trata, antes de mais nada, da exaltação do Império Português e da importância que o poeta atribui para a memória dos heróis. A sua história nos mostra que Camões fazia parte de uma camada social privilegiada e, por isso, o seu livro tem como público principal a corte portuguesa. A condição social de Camões, embora distante da alta aristocracia, garantiu-lhe o privilégio do letramento

clássico. Essa bagagem intelectual o acompanharia quando integrou as forças militares ultramarinas. Foi precisamente nesse cenário de tensões — como a crise em Marrocos e no Estado da Índia (1565-1575) — que *Os Lusíadas* começaram a ganhar forma, bem como a escreveu durante a sua atuação militar em Goa e Macau. Em um momento de instabilidade e receio de que o Império Espanhol pudesse assumir o trono português, postumamente a D. João III (1502-1557), Luís Vaz de Camões deu lume ao sentimento de nacionalidade e, sobretudo, à memória do povo luso.

A Ilha dos Amores é o momento em que Camões dignifica Vasco da Gama, o qual representava o Império Português. O capitão Gama é o herói individual e coletivo de Portugal, é através dele que o sentimento de pertencimento a uma nação é tocado no peito dos portugueses. Portanto, compreender as mudanças políticas e culturais, tanto da metrópole quanto da colônia (Marrocos), ajuda-nos a caracterizar do modo pelo qual a *Ilha dos Amores* é representada e o que ela significa para o Império: mostrar como a percepção de decadência moral do Império gerou no poeta o desejo de projetar na obra uma "segunda época dourada". Dessa forma, construção do contexto de Camões é indubitável para a pesquisa, pois para caracterizar a representação da Ilha, pretende-se adotar o conceito de contextualismo linguístico de Quentin Skinner.²⁰ Ou seja, não ler *Os Lusíadas* de forma isolada, mas localizá-lo em seu contexto: o que Camões estava fazendo ao escrevê-lo. Só assim será possível compreender os atos de fala, ou os *atos de linguagem* de Camões.

2.1 Prenúncio da Escrita da *Ilha dos Amores*

Há dois grandes biógrafos de Camões que contribuíram para o estudo e compreensão da vida do poeta: Manuel Severim de Faria (1584-1685), segundo biógrafo do poeta e sacerdote português, e Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), humanista, poeta e terceiro biógrafo de Camões. Manuel Severim de Faria, diferente de Manuel de Faria e Sousa, apresenta hipóteses em alguns pontos e em outros aproxima-se do mais correto, com base nas fontes. Para Severim de Faria, há três cidades que são possíveis locais onde o Camões nasceu: Lisboa - por ser o local que o poeta mais residiu-; Coimbra - cidade em que seus pais tinham uma casa e é onde encontra-se um honorífico enterro-; por fim, na Vila de Santarém - acredita-se que o poeta nasceu nesta vila, pois é a cidade natal da mãe do poeta-.²¹ Dentre as

²⁰ SKINNER, 1996, p. 9-14.

²¹ FRANCO, Marcia Arruda (Ed.). *Vidas de Camões no século XVII*: escritas por Pedro de Mariz, Manuel Severim de Faria, Manuel de Faria e Sousa, João Franco Barreto. Introdução, tradução e notas de Marcia Arruda Franco. São Paulo: Madamu, 2024, p. 259.

três hipóteses, ele acredita que Camões nasceu em Lisboa, justamente por ser a cidade em que os pais do poeta eram moradores.

Assim como Manuel Severim de Faria, Manuel de Faria e Sousa também acreditava que Camões havia nascido em Lisboa, na famosa Vila de Santarém. Atualmente, no século XXI, após quatro séculos de Manuel Severim de Faria e Manuel de Faria e Sousa, consta-se que Camões nasceu em Lisboa, em Mouraria.²² Porém, independente do local onde ele tenha nascido, a sua permanência na corte portuguesa garantiu o acesso à leitura d'*As Metamorfoses* de Ovídio. Um ponto de concordância entre os biógrafos de Camões é que ele teria nascido em 1524 e a sua trajetória com os estudos começou com o poeta ainda bem jovem, por volta de 1534, aos dez anos. Acredita-se, segundo Manuel Severim de Faria, que Camões teria iniciado a escrita de alguns versos aos treze ou quatorze anos, ao que nota-se na Egloga 2, da estância 35: “A barba então nas faces me apontava”²³.

O poeta estudou em Coimbra, em uma das primeiras Academias da Europa. Porém, sobre sua jornada nos estudos há poucas documentações, e o que encontra-se é que, após ter terminado os estudos com os “Mestres insignes” - como Severim de Faria os chamou -, ele teria voltado para Lisboa, sobretudo para a Corte. Mas ficou pouco tempo, pois de acordo com Manuel de Faria e Sousa, o poeta foi servir na guerra em Ceuta, por convite do Dom António de Noronha.²⁴ Isso encontra-se na Elegia, na qual o poeta disse: “Ando, etc. ao longo de uma praia, etc. / subo-me ao monte que Hércules Tebano/ do altíssimo Calpe dividiu, etc.”²⁵ O monte que Camões cita na sua estrofe é o monte Abila, que fica em Ceuta.²⁶ A sua passagem por Ceuta, em 1549, foi crucial para a escrita do poeta, pois ele pôde acompanhar de perto as dificuldades dos portugueses nas regiões conquistadas.

A sua atuação militar fora de Portugal foi breve, porém, sobre o seu retorno não há o ano exato, apenas consta que, segundo uma carta do rei D. João III (1521-1557), escrita em 1553, Camões já estava de partida para Índia:

Vos mando que o mandeis soltar se por al não for preso E
daquy em diante o nam prendaes nem mandeis prender nem

²² AZEVEDO, Sílvia Maria. *Revista Camoniana*. Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 1978, p. 105-110.

²³ FRANCO, Marcia Arruda, *op.cit.*, p. 265.

²⁴ É importante atentar-lhes que a Elegia mostra apenas que Camões estava em Ceuta, e não que foi a convite de D. António de Noronha, como Manuel de Faria e Sousa afirmou. Por outro lado, se Camões foi para a Índia em 1553 e Noronha faleceu em 1551, então esta viagem para Ceuta foi realizada anteriormente. Não sabe-se em qual ano Camões partiu com destino a Ceuta.

²⁵ FRANCO, Marcia Arruda, 2024, p.192.

²⁶ *Idem*, p. 192.

lhe façaes nem consintaes ser feito mal nem outro algum
desaguisado quanto he por rezão do conteudo em sua pitiçam
em esta mjinha carta declarado porque minha merçe e vontade
he de lhe asy perdoar pela gujsa que dito he.^{27 28}

Nota-se, no teor da carta, que Camões partiu de Lisboa por uma ordem do rei, após ele ter agredido um servidor do Paço, o Gonçalo Borges, e ser preso, em 1552. Sua partida de Portugal foi uma medida para que Camões não continuasse preso, já que o rei, como consta no trecho acima, só o soltaria se ele partisse no mesmo ano com destino à Índia. Assim, em 1553, Camões embarcou com Fernando Alvarez Cabral com destino primeiro à Cabo Guardafui, na Somália, e depois a Goa, em 1554. Já no território indiano, Camões estava sob as ordens do vice-reinado de Dom Afonso de Noronha, com quem o poeta português se juntou numa armada importante. Manuel Severim de Faria conta que Camões, “Prosseguindo no exercício das armas, passou no ano de 1555 pelo Estreito de Meca (sobre o qual se levantara o Monte Félix da Arábia do mesmo nome do monte), numa armada de que foi Capitão mor Manuel de Vasconcelos, onde se deteve com grandes incômodos por algum tempo.”²⁹ Sua saída da Índia é pauta de um grande debate: algumas fontes alegam que Camões estava infeliz e, por conseguinte, decidiu sair da Índia por livre e espontânea vontade.³⁰

Segundo o biógrafo Severim de Faria, o poeta havia sido preso e desterrado para China, em Macau, por causa de sua sátira escrita sobre o Governador Francisco Barreto. Ofendido, o governador enviou ao desterro. Camões mostrou a sua lamentação na canção 10:

Enfim não houve transe de Fortuna, etc.
(injustiças daqueles que o confuso
regimento do mundo, antigo abuso
faz sobre os outros homens poderosos)
Que eu não passasse, etc.³¹

O poeta português revoltou-se contra os “poderosos”, pois via a sua prisão e transferência de Goa para Macau como um abuso de autoridade, como uma injustiça. Escreveu, também, em uma das suas primeiras Redondilhas, sobre tamanha injustiça, e, principalmente, sobre desejar vingar-se: “A pena deste desterro / que eu mais desejo esculpida

²⁷ COSTA, José Pereira da. *Luís de Camões: transcrição dos documentos da Torre do Tombo*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. 2005, p.6.

²⁸ “Eu vos mando que o mandeis soltar se por algo mais não estiver preso, e daqui em diante não o prendais nem mandeis prender, nem lhe façais nem consintaes que lhe seja feito mal nem outro algum agravo, no que diz respeito ao conteúdo declarado em sua petição nesta minha carta, porque minha mercê e vontade é de lhe assim perdoar da forma que está dito”. Tradução nossa.

²⁹ COSTA, *op.cit.*, p. 271.

³⁰ Biblioteca Municipal de Coimbra. *Biografia de Luís Vaz de Camões*. 2024, p.3.

³¹ FRANCO, Marcia Arruda, 2024, p. 198.

/ em pedra, ou em duro ferro, etc”.³² Assim, é em Macau que o poeta assume o cargo de Provedor Mor dos Defuntos e Ausentes, em 1562. Inclusive, é importante pontuar que os biógrafos de Camões acreditam que foi durante a sua passagem por Goa e Macau que ele teria iniciado a escrita d'*Os Lusíadas*.³³ É interessante frisar que, embora Camões tenha sido exilado e ainda pudesse exercer um cargo, tal posição era destinada a pessoas de menor respeito que o mandante.³⁴ No entanto, Camões passa pouco tempo na China e volta para a Índia, para Goa. É durante sua estadia em Goa que o poeta consegue ter uma boa vida financeira: ele recebia mercês de Dom Constantino e, posteriormente, do Dom Francisco Coutinho.

Mas o próprio Francisco Coutinho não foi além das mercês, uma vez que quando Camões foi preso - ou por alguma briga ou por calúnias aos seus inimigos, não sabe-se ao certo o motivo da sua prisão -, ele não o soltou.³⁵ Sobre sua prisão, que para Camões era injusta, ele escreveu uma trova:

Qual demônio é tão danado,
que não tema a cutilada
dos Fios secos da espada
do fero Miguel armado? ³⁶

“Miguel armado” refere-se à Miguel Rodrigues Fios, o homem que colocou Camões na prisão. Após sua soltura - não há fontes que relatam como ele conseguiu sair-, o poeta estava decidido em voltar para sua cidade natal. Porém, ao tentar embarcar no navio, constava que ele tinha uma dívida de duzentos ducados e estava sendo cobrada por Pero Barreto. Este dinheiro havia sido gasto pelo poeta para custear o transporte dele de volta a um local específico - não sabe-se qual. E, em vez de ser reembolsado pelo gasto de sua viagem a serviço da coroa, ela, por outro lado, o cobrava pelo valor em questão, tratando-o como um devedor. ³⁷ Mas a sua dívida para com a coroa foi paga pelos cavaleiros Heitor da Silveira, António Cabral, Luís de Vega, Duarte de Abreu, António Ferrão, entre outros rapazes que também seguiram com o mesmo destino que o poeta: Lisboa.³⁸

No entanto, antes de chegar em Portugal, o dinheiro havia acabado. Assim, sem condições de continuar com a viagem, Camões desembarcou em uma ilha de Moçambique,

³² *Idem*, p.198.

³³ Biblioteca Municipal de Coimbra. *Biografia de Luís Vaz de Camões*. 2024, p.3.

³⁴ FRANCO, Marcia Arruda, *op. cit.*, p. 274.

³⁵ *Idem*, p. 275.

³⁶ *Idem*, p. 201.

³⁷ *Idem*, p. 275.

³⁸ *Idem*, p. 276.

entre os anos de 1567 e 1568 - cidade na qual ele viria a morar por dois anos (1567/68-1570). Foi nessa Ilha que o poeta enfrentou dificuldades financeiras novamente, sendo visto por Diogo Couto como “tão pobre que comia de amigos.”³⁹ Ele vivia sem dinheiro para continuar em Moçambique e condições para retornar ao seu país. É durante esse momento de instabilidade financeira que Camões recebe ajuda das mulheres “muthianas”, as quais o acolheu no “Macúti” – casas simples, que foram construídas com materiais locais–.⁴⁰ Seu encanto por mulheres moçambicanas, sobretudo pela ajuda cedida por elas, é visto no poema *Endechas a Bárbara Escrava*:

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a cor.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha;
Bem parece estranha,
Mas bárbara não.

Presença serena
Que a tormenta amansa;
Nela, enfim, descansa
Toda a minha pena.
Esta é a cativa
Que me tem cativo;
E, pois nela vivo,
É força que viva.⁴¹

Percebe-se que além apenas do encanto carnal, havia uma gratidão por quem “a tormenta amansa/ Nela, enfim, descansa/ Toda a minha pena” do poeta: o sofrimento após anos servindo a coroa portuguesa, em condições precárias e dificuldades financeiras, fora sanado pela ajuda das moçambicanas – como se esta ilha e as mulheres fossem o prêmio depois de tanta labuta e lamúria. Camões encontrou a “força que vive” nessas mulheres moçambicanas para recompor-se mediante a sua crise financeira, sem amparo familiar. É possível ver, logo abaixo, que a sua trajetória de poemas “apaixonados” não parou apenas neste, pois, vivendo na antiga rua do Fogo (Moçambique), inspirou-se e escreveu um dos seus sonetos mais conhecidos *Amor é um fogo que arde sem se ver*:

Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente,

³⁹ Biblioteca Municipal de Coimbra. *Biografia de Luís Vaz de Camões*. 2024, p.4.

⁴⁰ LOUREIRO, João. *A Casa de Camões habita o imaginário popular na Ilha de Moçambique*. Observatório da Língua Portuguesa, 2021. Disponível em: (<https://observalinguaportuguesa.org/casa-de-camoes-habita-imaginario-popular-na-ilha-de-mocambique/>). Acesso em: 24 abr. 2026.

⁴¹ *Idem*, 2021.

É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor? ⁴²

Este poema dá lume ao caminhar da *Ilha dos Amores*, uma vez Camões retrata como vê o amor: como um jogo, uma caça, pois é “servir a quem vence, o vencedor”. Isto é, no jogo do amor, o amante – no sentido de quem ama – possui uma posição de submissão, no qual rende-se à “servir” ao sentimento, aceitando que foi derrotado/conquistado por essa força. É possível ver tal semelhança no Canto IX, no qual Camões nos mostra a perseguição dos portugueses para com as ninfas como uma caça: “Senhor, caça estranha (disse) é esta!”⁴³ Todavia, o interesse do autor em escrever poemas apaixonados não surgiu somente nesta ilha de Moçambique, uma vez que o próprio escreveu, por exemplo, a estância nominada de *Aquele Mover de Olhos Excelentes*:

(...) Faça-me, quem me mata, o mal que ordena;
trate-me com enganos, desamores;
que então me salva, quando me condena.

E se de tão suaves disfavores
penando vive ua alma consumida,
oh! que doce morrer! que doce vida!

E se ua condição endurecida
também me nega a morte, por meu dano,
oh! que doce mentir! que doce engano! ⁴⁴

Essa elegia nos chama atenção para a sua caracterização, formulada pela filosofia do classicismo. Seu poema demonstra a exploração do prazer em meio à dor “oh! que doce morrer!”, em que ambos não são opostos, mas sim um só. O desprezo da amada é, acima de tudo, o que mantém o poeta vivo e focado na perfeição dela: “que então me salva/quando me condena”. A narrativa de sofrimento é presente em Camões, como foi visto no poema Amor é um fogo que arde sem se ver: “É ter com quem nos mata, lealdade”. Aqui, a pessoa amada é

⁴² CAMÕES, Luís de. *Amor é um fogo que arde sem se ver*. Jornal de Poesia, 2024. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/poesia.html>. Acesso em: 24 abr. 2026.

⁴³ CAMÕES, 2022, p. 404.

⁴⁴ CAMÕES, Luís de. *Aquele Mover de Olhos Excelentes*. Jornal de Poesia, 2024. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/poesia.html>. Acesso em: 24 abr. 2026.

quem mata, quem causa o sofrimento, ou seja, a dor de amar. Mas mesmo sofrendo por causa desse sentimento, o amante permanece fiel ao amor, dá devoção à quem o mata.

Não obstante, como fora dito anteriormente, tal estruturação do amor como caça, conquista do vencedor para o inimigo, visto nos cantos IX e X da *Ilha dos Amores*. É na segunda metade do Canto IX, na estrofe 65, em que os portugueses avistam as ninfas, nuas, banhando-se no rio. Há o momento de caça entre o caçador (os portugueses) e a preza (as ninfas). Ordenadas pela deusa Vênus para que fingissem descaso com os lusos– “Assim lhe aconselhava a mestre espera” –,⁴⁵ as ninfas começam a correr, causando desprezo para com eles. E, ao invés de cessar a perseguição, tal ato os incita a continuar, mantendo-os interessados apenas na perfeição das ninfas. Estão “incautas” (despreocupadas) e fingiam “seguir os animais que não seguiam”,⁴⁶ Isto é, estavam fingindo, pois sabem a sua tarefa: satisfazer sexualmente os portugueses.

Além disso, outro exemplo de conexão da Elegia para com a Ilha de Camões é o neoplatonismo que faz-se presente acerca da beleza física da mulher – “cristalino rosto” –, sendo um reflexo de uma perfeição espiritual. Ou seja, o amor sai do plano físico para o plano da fantasia (imaginação) e da memória. Esta imaginação volta-se à explicação de que a beleza e o sentimento são superiores à qualquer explicação: “Infinito para se compreender de engenho humano”. Na *Ilha dos Amores*, há também o medo da fantasia: “Sigamos estas Deusas, e vejamos/ Se fantásticas são, se verdadeiras.”. Os portugueses as seguiram com receio de serem apenas fruto da imaginação deles. Após sua experiência na ilha de Moçambique, Camões enfim voltou para sua terra, desembarcado no porto de Lisboa em 1569. Tendo publicado *Os Lusíadas* em 1572, o poeta seguiu sua vida com muitas dificuldades financeiras, chegando a viver de esmolas que o seu escravizado António, proveniente de Java, vivia pedindo.

Nem mesmo os 375 reais de cada ano que o El-Rei Dom Sebastião havia oferecido a Camões, por seu poema heróico, foi o suficiente para livrar-lhe da pobreza. Há uma carta do poeta, destinada à Rui Gonçalves da Câmara, que mostra o seu penar: “Senhor, quando eu os fazia me encontrava na flor da idade, e favorecido de Damas, e tinha o necessário, e agora me falta este tanto em tudo, que aqui está meu António pedindo-me quatro maravedis para carvão, e não os tenho para lhe dar”.⁴⁷ Segundo o Manuel Severim de Faria, o poeta havia

⁴⁵ CAMÕES, 2022, p. 269.

⁴⁶ *Idem*, p. 269.

⁴⁷ *Idem*, p. 280.

voltado para sua casa infestado de pestilências, no qual chegou a falecer em 1579. Entretanto, antes de falecer, Camões havia escrito uma carta ao seu amigo Francisco de Almeida, no qual ele disse: “Ao fim acabarei a vida e verão todos que fui afeiçoado à minha Pátria, que não só me contentei de morrer nela, mas de morrer com ela”.⁴⁸

2.1. O Desejo de uma Segunda Época Dourada

Longe de ser uma pesquisa biográfica, o presente estudo busca elucidar a vida do poeta luso, mostrando a importância do contexto histórico no qual Camões estava inserido, para que, assim, seja possível compreender a representação da Ilha dos Amores. Como foi possível notar ao longo dos tópicos explicitados acima, Camões tinha uma ligação direta com a corte e com os serviços militares. A sua trajetória militar possibilitou que ele acompanhasse de perto o início da crise portuguesa na segunda metade do século XVI, acentuada apenas no século XVII, tanto de teor administrativa, como comercial e moral.⁴⁹ Em seus cantos, Camões elucida a sua insatisfação para com a moral dos navegantes do seu tempo, que não possuem a coragem e valentia dos antigos navegantes, como o Vasco da Gama. Essa crise será ocasionada por vários motivos, aspectos e territórios, vistos, por exemplo, após o falecimento do rei D. João III, em 1557.

Após o seu falecimento, o império viu-se em mais uma instabilidade: uma crise sucessória estava prestes a emergir, pois o rei havia falecido sem deixar, em seu testamento, um possível sucessor. Receosos de que a Espanha pudesse assumir o trono português, a corte portuguesa decidiu nomear o seu neto, Dom Sebastião, como o futuro rei de Portugal.⁵⁰ O único problema, além dos diversos enfrentados pelo Império e já citados, era que D. Sebastião, sendo apenas uma criança de três anos, não podia governar. Dessa forma, entra, neste momento, o período regencial: primeiro da rainha Catarina e posteriormente do Cardeal Dom Henrique. Muito antes de salvar o império português da Espanha, D. Sebastião era visto pelo povo luso como o escolhido, já que o seu nascimento, após muitas tentativas de sua mãe Joana da Áustria, fora um milagre, principalmente por ter nascido no dia do mártir São Sebastião.⁵¹

⁴⁸ *Idem*, p.277.

⁴⁹ CARDOSO, Arthur Feller Rigaud. *O Doce do Açúcar e o Perfume das Especiarias: discursos políticos sobre os Estados do Brasil e da Índia na Monarquia Hispânica*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 2024, p. 15-16.

⁵⁰ MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1997, p. 458.

⁵¹ *Idem*, p.455.

No entanto, após tal receio ter se esvaído da corte e da população portuguesa, uma nova intriga política entre a rainha Catarina e o Cardeal D. Henrique: ambos tinham perspectivas de governança diferentes. Enquanto a rainha, que era espanhola, alinhava-se às políticas da Espanha – isto é, desejava não apenas uma ligação, mas uma subordinação de Portugal para com a Espanha –, do Cardeal D. Henrique via a relação da rainha como uma atitude perigosa para Portugal, já que o Império Espanhol queria tomar Portugal. Por gerar tantos conflitos, em 1562 o Cardeal assume o Império.⁵² Enquanto, de um lado, tais conflitos ocorrem, do outro, D. Sebastião, livre de suas obrigações imperiais, dedicava-se aos estudos que os jesuítas lhe proporcionaram e militares. A sua mãe manteve-se distante ao longo de sua vida, o que o deixou livre para ser criado e educado pelos jesuítas. Assim, após período de regência, o jovem rei é coroado em 1568. Já no poder, D. Sebastião decidiu implementar algumas reformas militares,⁵³ sendo elas a Lei das Ordenanças de 1570, serviço militar obrigatório para todos⁵⁴, dentre outros exemplos de reformas que voltavam-se, sempre, para atividades militares, pois desejava realizar uma cruzada contra os muçulmanos, o permitiram a campanhas militares na Índia e no Marrocos.⁵⁵

É importante frisar que D. Sebastião cresceu acompanhando as instabilidades em várias instâncias tanto da metrópole quanto da colônia. As suas reformas e campanhas militares tinham o intuito justamente de recuperar o território perdido contra os mouros. Como fora ensinado pelos jesuítas, as suas ações militares não tinham como objetivo unicamente territorial, mas também religioso: visando cristianizar os mouros e espalhar o cristianismo – uma demonstração de que o ideário cruzadista persistia no Mundo Moderno. Tal ideário o fez, em 1578, partir para o Marrocos, porém a sua expedição militar não iria trazer frutos para Portugal, pois, com 16.500 homens, D. Sebastião, o seu aliado Mulei Muhamed, e o seu inimigo, Mulei Abd al-Malik, faleceram na *Batalha dos Três Reis*. E, assim como o seu avô, ele havia falecido sem nomear um herdeiro em seu testamento, resultando em

⁵² *Idem*, p. 458.

⁵³ As reformas militares de D. Sebastião, que ocorreram de 1569 a 1574, visavam a reestruturação da defesa de Portugal, instituindo o Regimento das Ordenanças, isto é, um sistema nacional de recrutamento territorial obrigatório. Não apenas isso, buscou reorganizar a infantaria no modelo de terços com uso em grande escala de armas de fogo (arcabuzes, por exemplo), e reativar o serviço militar das Ordens Militares.

⁵⁴ Neste caso, como aponta José Mattoso, todos os homens livres.

⁵⁵ MATTOSO, 1997, p. 458.

uma crise sucessória.⁵⁶ Dessa maneira, embora D. Sebastião tenha morrido seis anos após o lançamento d'*Os Lusíadas*, sua relevância para a escrita da obra não é nula.

Válido pontuar que, segundo o historiador Arthur Feller, o período entre os anos de 1570 e 1620 são respectivos ao sentimento de “decadência”, visto nas obras não somente de Camões, mas também de Manuel Severim Faria.⁵⁷ Principalmente no século XVII, tal percepção está atrelada às estruturas econômicas, que passavam por instabilidades no Oriente, isto é, no Estado da Índia. A dificuldade dos portugueses manterem suas fortificações nestes territórios, impulsionou o interesse pelas Américas, sobretudo pela busca da produção açucareira, o comércio de escravizados e especiarias. Assim, o “declínio” era voltado ao enfraquecimento dos portugueses, mas embora este sentimento de “crise” e “declínio” seja resguardado como ápice somente no século XVII, Camões vivenciou o prenúncio de tais instabilidades no Marrocos,⁵⁸ como é possível observar na fala do historiador Feller:

Para o caso português, mesmo Braudel aponta um sentimento decadentista que teria vigorado na época, ligado ao início do Período Espanhol. O desastre de Alcácer Quibir, ‘A última cruzada da Cristandade mediterrânea’, trouxe grandes consequências para o Reino: crise sucessória, grandes somas de dinheiro gastos no resgate dos prisioneiros, além da perda de boa parte da nobreza e, respectivamente, sua força militar.⁵⁹

Nenhuma instabilidade nessas possessões ocorreram de modo acelerado, trata-se de uma crise a longo prazo, que as sucessões de acontecimentos do século anterior culminaram em nesta percepção para a sociedade setecentista. Feller aponta que o “pessimismo” presente em algumas obras literárias fora visto ainda no século XVI, voltado para as expedições ultramarinas. E este é um ponto crucial para a presente pesquisa, pois o historiador nos mostra que este sentimento volta-se para a literatura, sobretudo, em relação à moral dos homens: “Essa noção, digamos, ‘cultural’ ou ‘moral’ não anula nem concorre com as acepções e interpretações ‘econômicas’ e ‘políticas’, podendo ser consideradas ambas faces da mesma moeda, como comumente apontado pelos estudiosos da ‘cultura do Barroco’.”⁶⁰ Por sinal, a

⁵⁶ Importante pontuar que tal crise sucessória não resultou na União Ibérica de imediato, visto que o Cardeal Dom Henrique assumiu o Império. No entanto, como em seu nome já diz, ele possuía o título de cardeal e também de Inquisidor-Mor, o que o impediu de ter um sucessor. Assim, por causa da sua idade já avançada e sem um herdeiro, após o seu falecimento, em 1580, o receio dos português realizou-se: a União Ibérica (Idem, p.458-460).

⁵⁷CARDOSO, Arthur Feller Rigaud. *"Doutrina política, moral, muitos exemplos e muitas verdades": o "Soldado Prático" e os usos políticos do diálogo no Império Português (1564-1612)*. 2021. 81 f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021, p. 44.

⁵⁸ Idem, p. 45.

⁵⁹ Idem, p. 49.

⁶⁰ Idem, p. 46.

“cultura do barroco” é entendida por José Antônio Maravall, em seu livro *A Cultura do Barroco*, como uma reação à instabilidade que a Espanha enfrentou no século XVII.

Para o historiador e ensaísta espanhol, o Barroco vai além de ser meramente um estilo artístico, que baseia-se no exagero e na tonalidade escura das obras de arte, trata-se de um conceito de época: uma resposta cultural e política que as classes dominantes deram para conter essa crise. Inspiraram-se no exagero da arte e levaram para a política: havia festas nos palácios, que duravam vários dias, com uma decoração extravagante, fogos de artifício e, até os funerais eram exagerados e dramático, pois tinham o intuito de impressionar quem estivesse de longe das festas e dos funerais. O Barroco é considerado por Maravall como um mecanismo de controle da classe dominante para a subalterna. Tal exemplo do historiador espanhol foi utilizado para elucidar como os acontecimentos interferem nas artes, nas escrituras.⁶¹ Uma obra literária não é somente para ler, mas também para se impressionar, se inspirar e se deixar ser levado pelas ideias expostas pelo autor e como o leitor a compreendê. *Os Lusíadas*, *a Ilha dos Amores*, é uma resposta, assim como as obras do século XVII, para os acontecimentos do seu tempo.

É fundamental relembrar o momento da escrita de *Os Lusíadas*, que começou entre as décadas de 1540–1550⁶², mas a construção da *Ilha dos Amores* ocorreu durante a sua passagem pela Ilha de Moçambique, entre dois a três anos antes de voltar para Portugal, em 1570. Esta “configuração histórica”, como denominada por Feller, ocorreu sobretudo ao longo do século XVI, mas acentuado apenas após a União Ibérica, em 1580. É, portanto, neste momento que o “somado à uma crise financeira, corrupção administrativa” culminaria em um “sentimento de decadência, desilusão, desesperança, ‘desengano’”. Tal percepção de crise moral e material marcaria o fim do Renascimento e o advento da cultura do Barroco”.⁶³ Por esse motivo, a *Ilha dos Amores* é o clímax dos conselhos e críticas tecidas ao longo *Os Lusíadas*: O livro seria um manual, um projeto político no qual o rei deveria se inspirar, se basear e seguir.

Assim, o jovem rei era a esperança para Camões e para os portugueses. *Os Lusíadas* fora escrito não apenas para narrar a história do povo luso e dedicar ao D. Sebastião, mas

⁶¹ MARAVALL, José Antonio. *A Cultura do Barroco*: análise de uma estrutura histórica. Tradução de Silvana Garcia. São Paulo: EDUSP, 1997.

⁶² Esta data se refere ao início da escrita da obra, não o final, pois Camões apenas finalizou *Os Lusíadas* em 1572, ano da sua publicação.

⁶³ CARDOSO, 2021, p. 44.

sobretudo incentivá-lo de que é possível trazer uma segunda época dourada para o Império Português, que enfrentava tantas dificuldades:

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só de experimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.⁶⁴

Essa estância é fundamental a ser citada em paralelo ao contexto histórico de Camões, pois apresenta o intuito dele ter escrito a obra e, principalmente, ao dedicá-la ao rei. O poeta aconselha a D. Sebastião que, por meio do conhecimento dos antigos reis e navegantes, estes que Camões narra ao longo da sua epopeia camoniana, visto possuem experiência por “largos anos, largos meses”, ele possa se inspirar nessas figuras importantes com feitos “heroicos”, para engrandecer Portugal novamente, assim como fora na época dourada. Isto é, que o jovem rei torne Portugal maior que os “Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses”, no qual eram as grandes potências da Idade Moderna. Dessa forma, Camões desejava trazer a glória de volta para o Império luso, ansiava que Portugal obtivesse a posição de soberania, sobretudo em ser um Estado “para mandar”, enquanto os demais citados acima, fossem para ser “mandados”.

A obra de Camões é também um manual de como os lusos não devem agir. O jovem rei era o “Desejado”, havia a esperança de que ele iria libertar os portugueses do receio da União Ibérica, no qual iria estruturar o Império e torná-lo maior. É neste conselho de como não deviam ser, que o poeta canta suas frustrações e esperanças na *Ilha dos Amores*. Assim, sobre *Os Lusíadas* de modo abrangente, narra o início da expansão ultramarina portuguesa, no século XV, até o presente momento em que Camões está inserido, século XVI,— e nesta relação do passado com o presente de Camões que o poeta utiliza a mitologia para cantar a glória do Império Português —, no qual é narrado sob um foco maior: a viagem de Vasco da Gama (1469-1528). Gama, como personagem principal da obra lírica, foi um navegador e comandante de algumas viagens ultramarinas, tendo a saída de Portugal, em 1497, às Índias como a mais conhecida. Assim, Camões utiliza essa viagem de Vasco da Gama para elucidar a história do povo luso e, principalmente, louvar e criticar o Império Português a partir da representação do seu personagem principal. A narrativa inicia quando Vasco da Gama e a sua tripulação estão na metade da rota marítima, ou seja, quando estão em Mombaça.

⁶⁴ CAMÕES, 2022, p. 324.

Inclusive, é neste território que há o primeiro confronto direto entre os lusos e mouros. Importante mencionar que tal trama é descrita com enaltecimento: as dificuldades enfrentadas pelos portugueses, desde o conflito com outros povos, ventos que vão atrapalhar a rota e até seres mitológicos, - como Baco e o Adamastor, que tentou impedir a passagem dos portugueses no Cabo das Tormentas (Cabo da Boa esperança) - são descritas com grandiosidade. O Vasco da Gama é descrito como herói, cristão e valente, e que os seus atos de violências para com outros povos -africanos, chineses e, já no final do livro, povos indígenas- são justificados, pois estava buscando expandir o Império Português; isto é, expandir não apenas no quesito territorial, mas principalmente religioso. O espírito cruzadista, do ideário das Cruzadas Medievais, está presente em cada verso e em cada canto *d'Os Lusíadas*, como é possível observar principalmente ao longo do Canto IV, que Camões conta as conquistas de D. Afonso IV (1438-1481) no continente africano, e como o Indo e o Ganges apareceram no sonho de Manuel I, levando-o a escolher Vasco da Gama nesta nova expedição, entre muitos exemplos. Uma demonstração do espírito cruzadista é possível observar na estrofe 56:

Porém elas, enfim, por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas, estremadas
E de escritura dignas elegante,
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama Portuguesa.⁶⁵

Esta estrofe é um exemplo concreto do espírito cruzadista na Modernidade, pois elucida como foi a conquista de Alcácer, Tânger e Arzila após a derrubada desses territórios de África. Exemplificado, “Porém elas, enfim, por força entrada” se refere ao ataque dos portugueses ao território inimigo, no qual as “entradas” eram fortificadas, ou seja, eram duas como “diamante”.⁶⁶ Mas, mesmo sendo, a princípio, indestrutíveis, os mouros não resistiram às forças dos portugueses, nos quais conseguiram entrar nas cidades “por força”. Não obstante, a “derribarem quanto acham diante” mostra que o Império Português mostrou a sua violência e potência das armas no seu ataque, visto que derrubaram qualquer resistência. Importante pontuar que estas conquistas foram descritas com orgulho, considerando-as como

⁶⁵ *Idem*, p. 131.

⁶⁶ Segundo Baschet, o confronto entre cristãos e não cristãos foi resultado da “dominação da instituição eclesial”, na qual a “dominação não acontece sem resistências e limites, e essa mesma confrontação permite que a dominação se reforce” (BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006, p. 245). Tal argumentação do historiador francês ajuda-nos a compreender de forma mais precisa o contextualismo linguístico de Camões.

feitos heroicos realizados pelos soldados e nobres portugueses. Por fim, como mostrado no poema citado acima, Camões denomina as Cruzadas como “empresas”, como é possível notar também no canto III, da estro 87: “Passavam a ajudar a santa empresa/ O poderoso exército, em defesa/ Da cidade onde Cristo padeceu.”⁶⁷

Nota-se, assim, que tais tomadas eram vistas como Cruzadas. Esta “santa empresa”, a qual Camões menciona, é sobre os cruzados que foram ajudar D. Sancho na tomada de Silves.⁶⁸ E, embora o período em que Camões se encontre seja resguardado ao período Moderno, ainda sim havia uma certa continuidade de alguns pensamentos e formas de governar que eram pertencentes à Idade Média, como foi possível observar ao longo da argumentação acima. Não apenas isso, é importante salientar que, segundo Hilário Franco Jr, as cruzadas eram “expedições militares empreendidas contra os inimigos da Cristandade e por isso legitimadas pela Igreja, que concedia aos seus participantes privilégios espirituais e materiais.”⁶⁹ No entanto, enquanto na Idade Média, as Cruzadas eram iniciadas principalmente pelo Papa, como fora com a primeira Cruzada sancionada por Papa Urbano II.⁷⁰ Na modernidade, as Cruzadas eram iniciadas pelos reis, uma vez que a Igreja não tinha mais tanto controle dos Estados como outrora.

Um ponto fundamental a ser apresentado é voltado aos privilégios. Na Idade Média, tais privilégios voltavam-se para ao perdão dos pecados e pagamento da Igreja após a expedição.⁷¹ Percebe-se que embora haja um prêmio material, o espiritual, por outro lado, ainda possui um destaque mais acentuado, como mencionado por Franco Júnior: “A religiosidade, por fim, era o grande traço mental da época das Cruzadas, traço formado, como anteriores, a partir do contato com a realidade.”⁷² O que na Idade Moderna, por mais que as expedições militares busquem expandir o cristianismo, não há um privilégio espiritual concedido como nas primeiras cruzadas. Tal diferenciação é possível perceber no próprio prêmio que Camões concede aos lusos, isto é, um prêmio pagão. Não há nenhuma indulgência, o que, na verdade, é o prazer carnal e a imortalidade na *Ilha dos Amores*, por meio dos feitos heroicos. Apesar de distinguir as cruzadas da Idade Média e a Idade Moderna,

⁶⁷ *Idem*, p. 101.

⁶⁸ É importante ressaltar que esta citação da tomada de Silves foi realizada apenas para corroborar a presente argumentação sobre o termo que Camões utiliza ao se referir sobre as “Cruzadas”, pois a batalha em Silves ocorreu na Idade Média.

⁶⁹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As Cruzadas*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 7-10.

⁷⁰ *Idem*, p. 10.

⁷¹ *Idem*, p. 11-31.

⁷² *Idem*, p.31.

é inegável que, mesmo com tais especificidades e impulsionamentos do humanismo na escrita de Camões, há ainda o espírito das cruzadas.

Camões critica a fé dos mouros, os coloca como pecadores por não serem católicos no decorrer dos Cantos I, II, VII e VIII, sobretudo nos territórios como Mombaça, Moçambique, Melinde e Calicute. A crítica aos mouros por serem considerados “infieis” é visto, também, na estância 13 do Canto VII:

Gregos, Traces, Armênios, Georgianos,
Bradando-vos estão que o povo bruto
lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão (duro tributo!).
Em castiga os feitos inumanos
Vos gloria de peito forte e astuto,
E não quereis louvores arrogantes
De serdes contra os vossos possantes.⁷³

Essa estância nos mostra como a mentalidade contra os muçulmanos, ou como Camões os chamou de “filhos aos profanos” reverbera na Modernidade. Mais ainda, o poeta faz um clamor aos portugueses para que eles orgulhem-se, que deviam vangloriar-se por castigar “os feitos inumanos”, ou seja, por combater contra os mouros, contra outros povos da fé não cristã. Esta percepção de que os muçulmanos eram pecadores é, por si só, uma demonstração clara da continuidade do espírito cruzadista medieval, pois, como aponta Franco Junior, na Idade Média “A hostilidade muçulmana e bizantina era grande, produto do desprezo de civilizações mais refinadas e sofisticadas pelos ocidentais rudes, incultos e violentos, ‘cães cristão’ para os muçulmanos e ‘bárbaros’ para os bizantinos.”⁷⁴ Tal continuidade da hostilidade muçulmana e bizantina é compreendida na Modernidade por Jerome Baschet como repercussão da exclusão dos não-cristãos e os desviantes, corroborando para o estabelecimento de colônias em tais territórios, alegando que deus aprovava, assim como na Idade Média diziam que as Cruzadas obras do divino.⁷⁵

Isto exposto, a forma de descrever o capitão Gama como um navegante e militar guerreiro, que foi em busca de expandir o Império e a Fé, é possível ver, também, as características dos cavaleiros medievais. Compreender a importância do Vasco da Gama é fundamental para compreender a representação da *Ilha dos Amores*, visto que é nesta Ilha que o capitão Gama e a sua tripulação, em meio ao jantar realizado pela nereida Tétis, veem as profecias: as conquistas futuras do Império Português. O que Gama vê, como fora dito, são a

⁷³ CAMÕES, 2022 p. 203.

⁷⁴ FRANCO JÚNIOR, 1981, p. 46-47.

⁷⁵ BASCHET, 2006, p. 245.

descoberta de outros territórios, como o Brasil. Essa foi a maneira que Camões encontrou para preencher o vazio na linha do tempo da viagem de Gama e o século que ele estava inserido - século XVI. Entretanto, “preencher o vazio da linha do tempo” não deve ser visto como sem sentido, pois essa viagem no tempo” mostra o intuito de Camões: diante das dificuldades vistas no período do rei D. João III, o poeta quis apresentar um caminho possível para obter-se uma segunda época dourada no reinado de D. Sebastião.

3. A INTERTEXTUALIDADE MITOLÓGICA: DIÁLOGOS ENTRE AS METAMORFOSES E OS LUSÍADAS (A ILHA DOS AMORES)

Visto que fora elucidado quem é o autor, o contexto de Portugal da segunda metade do século XVI, é fundamental apresentar como se dá, textualmente, a influência direta de Ovídio na construção da Ilha. E, como é sabido que uma das premissas do humanismo é o retorno aos escritos clássicos, essa será a ponte entre o humanismo à recepção de Ovídio em Portugal no século XVI. Pretende-se, sobretudo, apresentar as implicações não somente do humanismo de forma abrangente, mas limitando a análise à recepção de Ovídio para a nobreza portuguesa, isto é, à Camões. *A Ilha dos Amores* tem semelhanças, particularidades que remetem à escrita de Ovídio. Tal mimese do poeta português só foi possível ser realizada devido ao retorno dos antigos escritores latinos e gregos.

No entanto, embora os escritos clássicos tenham sido o prenúncio para a escrita de Camões, o poeta português foi além de somente copiá-los. Em um momento em que os humanistas retornavam ao passado, isto é, ao Mundo Antigo, para se inspirarem e criarem novas obras textuais e artes, Camões sentiu o impacto de tais transformações no Mundo Moderno e adequou-se: se inspirou, sobretudo, em Ovídio. Sendo assim, irei analisar e apresentar algumas das semelhanças entre ambos os textos: qual ponto de encontro entre os dois autores. Além disso, pretende-se apresentar a construção da *Idade de Ouro e Bronze* de Ovídio com o desejo de uma segunda época dourada de Camões e a crítica que ele tece sobre a nova sociedade do reinado de D. Sebastião (1554-1578), a representação das Ninfas e a estética caçadora. Assim, busca-se analisar as estrofes em que as ninfas, seguindo ordens da deusa Vênus, fingem caçar com arcos de ouro e fugir dos portugueses.

Mas, principalmente, como Camões imita as ninfas de Diana do texto ovidiano, como no mito de Dafne e Febo, todavia alterando o sentido: em Ovídio, a caça gera tragédia/punição, sempre terminando em alguma metamorfose ou estupro; em Camões, por outro lado, a caça entre os portugueses e as ninfas resulta em união carnal e prazer, pois

trata-se de um prêmio concedido pela deusa Vênus aos portugueses, por eles terem realizado uma viagem ultramarina que trouxe contribuições positivas para o Império Português. Esta análise dos Cantos, Livros e estrofes de ambos autores, será fundamental para a análise final: Como Camões constrói a representação da *Ilha dos Amores*.

Este capítulo, da análise final, será, como fora dito, o último capítulo e que, para compreender o sentido da Ilha, da inspiração das *Metamorfoses*, será indispensável tecer análises e considerações sobre os usos do passado na modernidade: os usos de Ovídio em Camões. Este ato de mostrar as semelhanças e diferenças é importante, pois concretiza o que a hermenêutica de Paul Ricoeur se baseia: a relação entre o tempo e narrativa, entre o horizonte de expectativas e pré-juízos – isto é, a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor/receptor. O mundo do texto – do autor, Ovídio – é carregado de sentido próprio, de um próprio horizonte, que foi recebido e compreendido de uma forma diferente, criando um novo horizonte – o horizonte de expectativas de Camões –, visto que cada leitor possui um próprio pré-juízo, uma pré-compreensão das coisas e assuntos.⁷⁶ Assim, este capítulo busca apresentar esse novo horizonte criado por Luís de Camões, inspirado em Ovídio.

3.1 Alvorecer do Humanismo: O retorno ao Mundo Antigo

O humanismo, bem como outras correntes de pensamento, são reflexo de mudanças na sociedade. Tais mudanças ocorrem por meio de crises, uma vez que as sociedades estão sempre enfrentando crises que levam a transformações em diversas esferas, como econômicas, políticas, religiosas e sociais; o período moderno é marcado por uma constante guerra global. Alguns eventos na modernidade, como a Guerra Sueco-Polaca (1587), disputas políticas e religiosas: Reforma (1517-1648) e Contra-Reforma (1545-1648), fim do Concílio de Trento (1545-1563), Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), Revolução Cromwelliana, mostram esta instabilidade. Porém, esses são alguns exemplos soltos em cada território.⁷⁷ Para compreender o papel do humanismo na escrita de Camões, é necessário delimitar o recorte espacial à Florença.

Quentin Skinner, em seu livro *As Fundações do Pensamento Político Moderno* (1996), destaca o que teria impulsionado as idéias humanistas no início do Quatrocentos em Florença na perspectiva de Baron: “Constituiu, em sua essência, uma reação à ‘luta pela liberdade

⁷⁶ RICOEUR, 1994, p. 111.

⁷⁷ SKINNER, 1996, p 90.

cívica’ que os florentinos foram forçados a travar, por toda a primeira metade do século XV, contra uma série de déspotas belicosos”.⁷⁸ O prenúncio das séries de conflitos em Florença iniciam-se em 1390, devido à guerra declarada ao território florentino por Gian Galeazzo Visconti, duque de Milão.⁷⁹ Verona, Vicenza e Pádua já enfrentavam um confronto na conhecida Guerras de Carrara, em 1386, resultando, dois anos depois, na conquista dos mesmos territórios. Foi a partir disso que decidiu avançar em direção ao Oeste, no qual conseguiu conquistar Pisa (1399) e logo depois Luca. Do Oeste seguiu para o Sul, conquistando Siena, ainda em 1399, e em 1400, Assis, Cortona e Perúgia.⁸⁰

Ao fim, o confronto findou-se pelo Norte, na Batalha de Casalecchio, resultando na vitória dos bolonheses, um dos poucos aliados dos florentinos.⁸¹ Após longos anos de batalhas, Gian Galeazzo faleceu de febre em 1402. Longe das guerras terminarem, o seu sucessor Filippo Maria Visconti de Milão manteve com o que seu pai começara: para assegurar o controle do Norte da Itália Filippo Visconti de Milão tomou Parma e Brescia, em 1420, e anexou Gênova, em 1421, ao ducado de Milão. Sem pausa para trégua, o conflito durou até Cosme de Médici, em 1454, negociar a paz,⁸² o que incluía que o duque de Milão deveria reconhecer e defender a independência da República Florentina.⁸³ Esses conflitos ocorridos no território florentino, sobretudo nos séculos XIV e XV, confirmam a influência que tiveram para a escrita adotada por alguns humanistas: isso explica o motivo dos escritores, como Coluccio Salutati (1331-1406), Leonardo Bruni (1369-1444), Pier Paolo Vergerio (1370-1444), Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), terem escrito obras voltadas para as questões de teoria política, voltada para, como Skinner denominou de “postura solitária”.

A crise política na Itália serviu de base para que os florentinos tivessem uma nova “consciência” política, voltada para os ideários de “republicanos de liberdade e de participação cívica”.⁸⁴ O humanismo surge do desconforto e do confronto. Dessa maneira, é importante mostrá-los no que os principais humanistas se baseiam, além das questões políticas e sociais. As obras humanistas são caracterizadas por uma linha tênue entre o

⁷⁸ *Idem*, p. 91.

⁷⁹ *Idem*, p.92.

⁸⁰ *Idem*, p. 92.

⁸¹ *Idem*, p.92.

⁸² Importante pontuar que Cosme de Médici não assumiu o controle da Itália de forma geral. Nesse momento, a Itália era formada por várias cidades-estado independentes e, muitas vezes, rivais uma das outras. Esse apelo por paz de Médici mostra-se como uma mudança radical no equilíbrio de poder entre as duas principais potências do norte: Florença (liderada por Cosme) e Milão (governada pelos Visconti). *Idem*, p.92.

⁸³ *Idem*, p.92.

⁸⁴ *Idem*, p.93.

presente e o passado: um diálogo constante entre rupturas e continuidades. No início do século XIII, Arezzo e Pádua foram cidades fundadoras do movimento literário conhecido como “humanismo”, este movimento baseia-se nos estudos à “imitação da história, poesia e filosofia moral clássica”.⁸⁵ A retórica, embora seja voltada para a arte de falar bem, como foi estudado pelos Sofistas e Aristóteles, também volta-se para os estudos da prosa, cartas, prática oral, discursos acadêmicos e sermões, sobretudo a importância da imitação.⁸⁶

É no século XIII em que os humanistas buscam por obras escritas na Antiguidade, destacando-se Cícero (106 – 43 a.C.), considerado pelos escritores humanistas como um dos maiores retóricos da Roma Antiga. Porém, o movimento só ganhou força por volta do século XIV, deixando as bibliotecas monásticas lotadas de humanistas em busca de obras clássicas.⁸⁷ O humanismo nasce como um movimento literário, político e histórico, voltado para o poema, para que, a partir dos escritos antigos as sociedades modernas pudessem compreender os acontecimentos do seu tempo e saber solucioná-los, superá-los. A primeira fase do humanismo prezava a *libertas*⁸⁸ política e uma cidadania. Ou seja, uma possibilidade de escolher de que modo a sociedade será organizada e por quem irá tomar tais medidas - ou, também, quem não irá; era a liberdade de todos os cidadãos, incluindo os menos favorecidos, de terem igualdade perante a lei e de participar dos negócios do governo.

É o momento em que os escritores do período moderno irão ler os antigos em sua língua nativa, conhecer em profundidade a história da República Romana, que fora diferente de Florença. Os humanistas florentinos, como Coluccio Salutati e Leonardo Bruni, espalharam uma imagem de Florença como guardiã da liberdade, defendendo, assim, a República como a forma de governo ideal para a Itália. Eles se inspiraram em uma tradição anti monárquica, já presente na obra de Latini e outros autores medievais, reafirmando a superioridade da República em relação à monarquia. Trata-se, pois, de uma *vida ativa*: à noite liam e reliam os escritos clássicos e durante o dia praticavam, buscavam implementar o que leram. “O pensamento está ancorado na prática”.⁸⁹ Essa fase é denominada de *humanismo contemplativo*: apropriam-se do passado para a política do presente, em um estudo sobretudo contemplativo e solitário.

⁸⁵ *Idem*, p.105.

⁸⁶ PINTO DE CASTRO, Aníbal. *Retórica e Teorização Literária em Portugal: Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973, p. 9.

⁸⁷ SKINNER, 1996, p. 106-107.

⁸⁸ Liberdade. (Tradução Nossa).

⁸⁹ Conforme explicado pelo Professor Bruno Boto (2024, informação verbal) em aula da disciplina História Moderna I.

Por outro lado, a segunda fase do humanismo é o *humanismo ativo*: é uma teoria que vê a vida prática, mas acima de tudo, é mais principesco. É, também, nesse momento em que as idéias humanistas vão se expandir e alcançar a cultura europeia, no final do século XV-XVI.⁹⁰ Enquanto no primeiro humanismo Cícero é o guiador das obras humanistas modernas, no segundo humanismo Platão e Aristóteles são como fonte primária de conhecimento para a escrita e prática ativa na vida política. É uma filosofia cujo conceito está ligado com a realidade dos modernos. Todavia, sem os nomes dos fundadores desse movimento perde um pouco o sentido, sendo assim, Francesco Petrarca (1304-1374) é considerado o “pai do Humanismo” e precursor do Renascimento. O poeta italiano ressignifica o uso da retórica, a distância de apenas uma ferramenta técnica (*Ars Dictaminis*), voltando-a para o propósito ético: foi ele quem ampliou os estudos sobre a educação que Cícero havia escrito:

A meta da educação - assim a definiu Cícero nas Disputações Tusculanas - não se resume em produzir um homem com uma certa amplidão de capacidades técnicas, nem sequer um homem capaz de atingir todas as virtudes e “estados espirituais adequados”. O autêntico vir deve, antes de mais nada, ter sabedoria. Por isso, Cícero considera o estudo da filosofia moral essencial à formação de seu caráter.⁹¹

O retorno ao passado, às obras clássicas, permite que o conceito de *Virtus*,⁹² de Cícero, seja um dos passos mais importantes para os humanistas no começo do século XV: era necessário não apenas aprender sobre as virtudes, mas também praticá-las todos os dias. Essa busca sistemática, realizada em bibliotecas monásticas, levou à recuperação de obras que estavam perdidas para o conhecimento ocidental. Esse movimento resultou na mudança de perspectiva em relação ao legado da Antiguidade, ou seja, a descoberta de obras de Cícero e outros autores clássicos, em especial a partir dos trabalhos de Poggio Bracciolini, inauguraram uma nova era de apreciação e preservação do passado. Dessa forma, é importante frisar que a virtude ciceroniana repercutiu de tamanha importância que tornou-se fundamental para a educação dos rapazes, no qual no início do século XV novas escolas foram fundadas para que fosse ensinado sobre tais ideias. A descoberta de obras de Cícero, em especial as *Disputações Tusculanas*, revelou uma nova concepção de educação. Para

⁹⁰ SKINNER, 1996, p. 107-108.

⁹¹ *Idem*, 109.

⁹² Virtude. (Tradução Nossa).

Cícero, a verdadeira educação não se restringia a técnicas retóricas ou ao desenvolvimento de virtudes, mas buscava, acima de tudo, a sabedoria.^{93 94}

3.2 A Recepção de Ovídio em Camões

Como fora visto nos tópicos anteriores, a recepção sistemática de Ovídio na Modernidade deu-se por meio do anseio de compreender o presente através das obras clássicas da Antiguidade. Neste contexto, Camões inspirou-se em Ovídio para construir um dos cantos principais, o canto em que o clímax da sua epopeia é alcançado através do prêmio aos portugueses, paralelamente à crítica social, à ganância e à corrupção moral do século XVI. A denominada relação entre a filosofia e literatura, conhecida no período moderno como “mitologia antiga”, ocorreu por meio do contato direto com Virgílio, Horácio, Tito Lívio e, principalmente para análise da presente pesquisa, do próprio Ovídio.⁹⁵ É possível notar, para além de Camões, a presença da obra *Metamorfoses* em William Shakespeare e em território luso graças à tradução de Manuel Maria Barbosa du Bocage.⁹⁶

A semelhança de Ovídio em Shakespeare é vista na peça *Romeu e Julieta*, que demonstra ter sido elaborada através da inspiração da história de Píramo e Tisbe. Nas *Metamorfoses*, Píramo e Tisbe apaixonaram-se e ansiavam casar-se, mas seus pais o proibiram. Vivendo o amor em segredo, comunicavam-se por meio dos olhos. Porém, em mais uma noite de encontro marcado às escondidas, Pírame foi atacado por uma leoa, embaixo de uma árvore, quando aguardava por sua amada. Tisbe, ao chegar, atrasada, no local do encontro, avistou-o já sem vida, e a sua espada ao lado do corpo. Ao vê-lo nesta situação, Tisbe:

(...) Fere os braços indignos com gritos dilacerantes
logo arranca os cabelos e abraça o corpo do amado,
enche as feridas com lágrimas, pranto imiscui-se com
sangue e, enquanto enche o gélido rosto com beijos,
‘Píramo’, grita, ‘que acaso roubou-te de mim, desgraçada?
Píramo, fala! É a tua Tisbe, querido, que chama!’⁹⁷

⁹³Conforme Skinner (p. 111-113), o Humanismo renascentista, impulsionado por Petrarca, rompeu com a escolástica medieval ao resgatar a filosofia moral e a retórica clássicas (Cícero e Aristóteles) para propor a formação do homem virtuoso (*vir virtutis*). Essa busca pela excelência combinava a moral antiga à fé cristã, afastando-se do determinismo agostiniano. Nele, a mitologia pagã não operava como crença, mas sim como mero aparato estético e literário, recurso que se observa precisamente na construção da *Ilha dos Amores*.

⁹⁴Sobre a pluralidade e as manifestações populares do humanismo na transição para a modernidade, ver: BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.

⁹⁵MILLER, John F. Modeling Reception in Metamorphoses: Ovid’s Epic Cyclops. In: FELDHERR, Andrew (org.). *A Handbook to the Reception of Ovid*. [S. l.: s. n.], 2014. p. 1.

⁹⁶*Idem*, p.3.

⁹⁷OVÍDIO, 2023, p. 126.

Triste e raivosa com os deuses e, principalmente, com os seus pais, Tisbe tira a própria vida com a espada de Píramo:

(...) Apoiando sob o peito a ponta da espada,
sobre o ferro ainda quente da outra morte lançou-se.
Mas os votos⁹⁸ chegaram aos deuses, chegaram aos pais,
pois negra é a cor dos frutos quando ficam maduros
e na mesma urna jazem as cinzas restantes.⁹⁹

Esta elegia de Píramo e Tisbe perpassou por séculos até chegar na Modernidade e inspirar vários autores, como é visto na peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.¹⁰⁰ Nesta obra, os dois jovens de Verona viviam um amor proibido, pois suas famílias viviam em constante guerra. A narrativa do romance e tragédia, descritos em cinco atos, tem o Ato IV e V como o clímax da história e, sobretudo, similitude com as *Metamorfoses*. No ato IV, Julieta, decidida a fugir com Romeu, decide beber uma poção, feita por Frei Lourenço, para que ela pudesse parecer estar morta e, após a família colocarem-na no jazigo, Romeu deveria acordá-la e tirá-la de seu túmulo, para enfim fugirem juntos. No entanto, no Ato V, a carta informando o plano, escrita por Frei Lourenço, não chegou à Romeu, no qual foi pêgo de surpresa pela notícia do “falecimento” de Julieta. Em lamúria, Romeo decide unir-se a sua amada na morte:

ROMEU – Vem, condutor amargo!
Vem, meu guia de gosto
repugnante! Ó tu, piloto desesperado! lança de
um só golpe contra a rocha escarpada teu
barquinho tão cansado da viagem trabalhosa. Eis
para meu amor. (Bebe.) Ó boticário veraz e
honesto! tua droga é rápida. Deste modo, com um
beijo, deixo a vida. (Morre.)¹⁰¹

Julieta, após acordar e perguntar a Frei Lourenço sobre Romeu, encontra o corpo caído. Ela o beija, mas em seu corpo não havia mais vida. Decidida a encontrá-lo, Julieta diz:

Julieta – Ouço barulho. Preciso andar
depressa. Oh! sê bem-vindo punhal! (apodera-se
do punhal de Romeu.) Tua bainha é aqui.
Repousa aí bem quieto e deixa-me morrer. (cai
sobre o corpo de Romeu e morre.)¹⁰²

⁹⁸ Tisbe jurou aos deuses que a morte não iria impedi-los de ficarem juntos, pois estariam juntos no túmulo (2023, p.127).

⁹⁹ Ovídio, *op. cit.*, p.126.

¹⁰⁰ As *Metamorfoses* de Ovídio chegaram, primeiro, nas novelas italianas (século XV e XVI), através de Masuccio Salernitano e Luigi da Porto, no qual criaram o conto de Romeu e Julieta. A tradução do poema italiano para o inglês deu-se por meio de Arthur Brooke, na edição de 1562 (BROOKE, Arthur; PAINTER, William. *Romeus and Iuliet / Rhomeo and Iulietta*. Edited by P. A. Daniel. London: N. Trübner & Co, 1875).

¹⁰¹ SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Versão para eBook. [S. l.]: Ridendo Castigat Mores: eBooksBrasil, p.162.

¹⁰² *Idem*, p.165

Tal semelhança entre as duas histórias é evidente, no entanto, não se trata unicamente de uma mimese da obra de Ovídio, mas uma interpretação única de Shakespeare. O autor inglês faz uma adaptação na peça: substitui a leoa pelo veneno, dá, pelo menos dessa vez, uma tentativa de fuga para que os jovens pudessem viver o seu amor. Esta ação obedece rigorosamente a norma humanista. Assim, o retorno às obras antigas oferece, sob uma nova forma de olhar textos, novas percepções e interpretações são realizadas a cada leitura de autores gregos e romanos da Antiguidade, pois:

“É apenas quando o refinamento e a variedade de possíveis interpretações não são mais baseados no objetivo conteúdo do sentido literal, mas sim sobre as condições subjetivas de entendimento, ou, mais precisamente, sobre o resultado de uma variedade de abordagens, que passa a existir uma mudança para a hermenêutica moderna”.¹⁰³

Ou seja, o texto ganha novas formas de ser interpretado e compreendido por causa do leitor. Segundo Ana Lúcia, em uma citação de Holub (1984,p.84): “A obra literária não é nem o texto completamente, nem a subjetividade do leitor completamente, mas uma combinação ou fusão dos dois”.¹⁰⁴ Para Paul Ricoeur, o leitor possui uma posição de destaque, visto que é por meio dele que a intersecção entre a mimese I e a mimese III através de mimese II. A mimese III, como fora visto na introdução da presente pesquisa, é a recepção da obra, é, portanto, o momento em que o texto encontra-se com o leitor e, por meio dele, o sentido é metamorfoseado.¹⁰⁵ Assim, tratando-se de recepção, no início do século XII Ovídio tornou-se fundamental não apenas para a escrita literária, mas também para as artes visuais; tendo Arnulf de Orléans, John de Garland, Giovanni del Virgílio e Pierre Bersuire como alguns dos mais conhecidos comentadores do poeta romano.

Ovídio não somente inspirou os autores da modernidade, mas também do período medieval como Geoffrey Chaucer e Dante Alighieri, que escreveu a Divina Comédia baseado nas *Metamorfoses*.¹⁰⁶ Mas, do medieval à Renascença, na França do século XIV, textos antigos de Arístóteles, Cícero e Santo Agostinho foram traduzidos para o francês, contribuindo para que novas pessoas pudessem lê-los.¹⁰⁷ No século seguinte, a corte da Borgonha teve o contato com a primeira tradução francesa de Quinto Cúrcio Rufo (41 - 54 d.C), historiador romano, e *Ciropédia*, biografia de Ciro, o Grande, escrita pelo Xenofonte.

¹⁰³ COELHO, Ana Lúcia Santos. *Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo* Volume 9, n. 1, 2014, p.2.

¹⁰⁴ *Idem*, p.5.

¹⁰⁵ RICOEUR, 1994, p. 87, 111.

¹⁰⁶ MILLER, John F. Love Poems in Sequence: The Amores from Petrarch to Goethe. In: BRADEN, Gordon (org.). *A Handbook to the Reception of Ovid*. [S. l.: s. n.], 2014. p. 5.

¹⁰⁷ PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*, 2012, p. 191.

Ainda no século XV, obras como *De Officiis* e *De amicitia*, escrita por Marco Túlio Cícero, foram traduzidas para o português de Portugal, sendo, o primeiro tratado mencionado acima, escrito por D. Pedro, e a segunda obra traduzida por Fr. João Verba.¹⁰⁸

Tais traduções alcançaram, devido às edições impressas e manuscritas, as bibliotecas reais. A Sé de Braga possuía dezenas de títulos greco-latinos anteriores a 1500. A rainha D. Leonor legou centenas de livros (maioria teológica, mas com literatura profana e autores recentes). No reinado de D. Manuel, os clássicos (Ovídio, Lívio, Salústio, Virgílio) ganham ainda mais espaço e destaque.¹⁰⁹ Por outro lado, o ensino é uma parte fundamental para a recepção de Ovídio, pois é no Colégio de Coimbra e Bordéus, dividido em seis estágios, havia estudos sobre o autor. Na formação inicial, os estudantes aprendiam o latim e as primeiras letras 10º classe. Na 9º classe, conhecida como *aulani*, os jovens aprendiam a gramática por Catão, escritor da República Romana. As duas seguintes¹¹⁰ classes era o momento de introduzir os estudantes aos clássicos, obras de autores como Cícero, Terêncio e Mathurin Cordier.

Paralelamente, no Ensino Retórico Avançado – a parte que nos interessa propriamente dita –, dividida em três níveis, era onde os estudantes praticavam os exercícios de composição, estudavam os discursos (oratio) ciceronianos, poetas (Virgílio, Ovídio, Lucano), e aprendiam a realizar declamações públicas e privadas.¹¹¹ Nota-se, portanto, que Ovídio não somente era lido, graças às traduções para o idioma nativo e às bibliotecas reais, mas era ensinado nas escolas, contribuindo ainda mais para expansão da leitura e conhecimento do autor romano. Nesse contexto de recepção do Ovídio nas escolas e bibliotecas na Europa e Península Itálica, Maria Bobone nos apresenta a posição de Camões de ter acesso a tal autor. Um dos questionamentos feitos à leitura do livro *Vida e Obra*, de Maria Bobone, foi: Luís Vaz de Camões seria, afinal, um nobre ou plebeu? Mais ainda, ele foi colocado na posição de nobre, por ter tido um efeito positivo da sua obra após a sua morte, em Portugal? Por fim, mesmo que ele fosse plebeu, como ele teria acesso à corte?

Para o autor, Camões não era um grande fidalgo. Por causa do seu temperamento forte, o poeta não teria seguido com uma carreira eclesiástica e, muito menos universitária, como Manuel Severim de Faria afirma.¹¹² Maria Bobone menciona a especulação de Storck:

¹⁰⁸ *Idem*, p.191.

¹⁰⁹ *Idem*, p.266.

¹¹⁰ Importante pontuar que a enumeração das classes era em ordem decrescente.

¹¹¹ PEREIRA, 2012, p.504-522.

¹¹² MARIA BOBONE, Carlos. *Vida e Obra*. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2024, p. 57.

Noronhas (1460-s.d)¹¹³ estava procurando um perceptor¹¹⁴ para o seu filho, D. António (1510-1574). Camões, sugerido por alguém que o autor não menciona, torna-se então o mestre do filho de Noronhas; é dessa maneira que o poeta se insere na família de Linhares. Foi por meio do serviço aos Linhares que Camões havia tido acesso à corte, acesso esse que possibilitou o início da escrita da sua obra lírica.¹¹⁵ Embora o presente soneto mostra a proximidade entre Camões e António de Noronha, ainda sim a explicação de Stork, como Maria Bobone mesmo afirma, não passa de uma especulação, na qual não há nenhuma comprovação que confirme a sua hipótese.

Não obstante, o autor apresenta uma outra fonte sobre a vida de Camões, por meio de Aquilino Ribeiro. Para Aquilino, o poeta era um plebeu que escrevia cartas por encomendas, e para Vasco Graça Moura, Camões havia conseguido um emprego na Torre do Tombo - foi assim que o poeta teria tido acesso a livros para escrever *Os Lusíadas*.¹¹⁶ Entre os questionamentos de Camões ser nobre ou não, Aquilino traz uma explicação sobre o que é ser “nobre” no século XVI:

Uma sociedade como a do século XVI estava dividida entre escravos e homens livres. O ‘nobre’ aplicado a Camões significa simplesmente que o poeta era um homem-livre, não havendo mais nada a dizer sobre a sua condição: a sua fidalguia não era mais do que uma fidalguia “de meia-tigela”.¹¹⁷

Maria Bobone, por outro lado, elucida que Camões não era um plebeu, uma vez que há documentos que contradizem isso. Embora Bobone não tenha citado, há documentos que mostram que Camões recebia mercês do rei Dom Sebastião (1557-1578), por exemplo. Inclusive, até a sua mãe recebeu, após o falecimento do poeta, em 1580.¹¹⁸ Assim sendo, Maria Bobone frisa que não há documentações que possam comprovar que Camões era plebeu, mas também não é possível afirmar que ele pertencia à alta nobreza. Ele estaria em uma posição de subalternidade, ainda que tivesse relações com os Noronhas, Ataídes, entre outros.¹¹⁹

¹¹³ Não consta o ano do falecimento de Martinho de Noronha.

¹¹⁴ Significa mestre, educador.

¹¹⁵ MARIA BOBONE, 2024, p.57.

¹¹⁶ *Idem*, p. 64.

¹¹⁷ *Idem*, p.65.

¹¹⁸ É válido salientar que, a partir do século XVI, novas interpretações de nobreza são construídas. Os títulos de nobreza, criados pela coroa, são utilizados para demonstrar e, sobretudo, centralizar o poder. Entretanto, não significa que todos poderão ascender na hierarquia social. Pelo contrário, apenas significa que: “algumas das famílias cujo prestígio se escora em marcas de outros tempos precisam também de fazer o seu caminho dentro das estruturas do século para manterem o seu estatuto, ou para o adaptarem às novas formas de reconhecimento” (*Idem*, p.67).

¹¹⁹ *Idem*, p. 67.

Desse modo, é possível questionar o nível de fidalguia de Camões, visto que há pouquíssimas documentações, mas não que ele não pertencia à nobreza. O perdão do rei D. João III (1521-1557), às mercês de governadores e do rei Dom Sebastião (1557-1578), e a ajuda de outros nobres para tirar-lhe da cadeia, são provas, ao nosso ver, de um laço com a nobreza. *Os Lusíadas* é, acima de tudo, uma obra escrita feita por um fidalgo para à corte portuguesa, como é possível ver no Canto I, da estrofe 6 ao 18, no qual o Camões dedica sua epopeia à Dom Sebastião:

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;¹²⁰

3.3 A Idade de Ouro e Bronze Antiga: Uma segunda época dourada portuguesa?

A *Era de Ouro*, de Públio Ovídio Naso, é descrito como uma fase que não há dificuldades, tudo é próspero, as ilhas são belas, como consta no Livro I, estrofe 90:

Áurea, primeira a surgir das eras: sem força opressora,
sem auxílio, sem leis, cultivava o fiel e o correto.
Pena e medo ausentavam-se, nem se liam palavras
intimidantes no bronze, nem a súplice turba
ante o juiz receava, sem vingador era livro¹²¹.

A *Era do Ouro* de Ovídio pode ser compreendida como o Portugal que Camões desejava para o seu império. Como fora visto no capítulo anterior, o Império Português encontrava-se em uma exaustiva dificuldade econômica e política, perdendo territórios e a economia cada vez mais desgastada pela ausência de recursos financeiros. O Império não era o mesmo do século XV, de quando há a expansão ultramarina – quando o Vasco da Gama sai de Portugal, em 1497, contorna a costa leste africana e chega ao fim, no território Indiano, por exemplo. Não há o rei D. Manuel I (1469-1521) e o seu espírito cruzadista, que buscou descobrir novos territórios com homens no comando de algumas expedições, como Bartolomeu Dias, o primeiro a contornar o Cabo das Tormentas, posteriormente denominado de o Cabo da Boa Esperança, em 1488.¹²² Os territórios conquistados pelos lusos estavam

¹²⁰ CAMÕES, 2022, p.2.

¹²¹ OVÍDIO, 2023, p.38.

¹²² BUENO, Eduardo. *A Viagem do Descobrimento: um olhar sobre a expedição de Cabral*. São Paulo: Editora Estação Brasil, 2019.

sendo tomados pelos Mouros, não havia um rei que solucionasse tais problemas; os feitos do rei D. João III (1502-1557) não surtiram efeito.¹²³

Uma tentativa de atrair mais portugueses para o território asiático e facilitar a permanência deles, Lopo Soares instaurou a política da “Grande Soltura”. Tal política concedia aos comerciantes a liberdade de navegar e negociar na Ásia sem controle e fiscalização, como era realizado pelo ex-governador da Índia Portuguesa, Afonso de Albuquerque. No entanto, embora tal flexibilidade fosse positiva aos comerciantes, ainda sim, não foi suficiente para a administração colonial. Na década de 1570, em Bengala e Arração, a permanência se tornou ainda mais limitada. Importante pontuar que, em 1570, o rei D. João III já havia falecido, pois faleceu em 1557, mas o intuito deste exemplo a ser mostrado volta-se para explicitar a má administração colonial e imperial desde a época de D. João III.¹²⁴

Tal Era de Camões fora como a *Era de Bronze* de Ovídio: um período complexo, repleto de dificuldades, violências e uma moral decadente, como é visto no Livro I, estrofe 130:

Sucedeu a essa terceira era, a de bronze,
mais selvagem no engenho e mais pronta às armas
[horríveis,
não celerada, porém, do duro ferro é a postrema¹²⁵.

Não apenas isso, Ovídio acrescenta com a seguinte descrição:

Logo então na era do veio mais baixo irromperam
todos os crimes, fugiram o pudor, a verdade e a fieza;
no lugar deles surgiram as fraudes, os dolos, insídias,
a violência e o celerado amor pelas posses¹²⁶.

Estas duas Eras de Ovídio referem-se, portanto, a duas das quatro Idades da Humanidade: *Ouro, Prata, Bronze e Ferro*. Este mito mostra a perda da inocência humana, decadência progressiva tanto da moral humana quanto da generosidade da natureza. Na Idade de Bronze, ocorre uma inversão total de valores: as virtudes naturais primordiais — como a vergonha (pudor), a honestidade (verdade) e a lealdade (fieza) — abandonam a Terra. Em contrapartida, o comportamento humano passa a ser dominado pelo vício: traição, mentiras (fraudes), esquemas e armadilhas (dolos e insídias).

¹²³BOXER, Charles Ralph. *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.66-69.

¹²⁴ *Idem*, 68-69.

¹²⁵ OVÍDIO, 2023, p.40.

¹²⁶ *Idem*, p.40.

Ademais, a expressão “a violência e o celerado amor pelas posses” se refere a ganância, a cobiça pela riqueza material. *Era de Ouro* é vista como uma segunda época dourada para Camões: o desejo de prosperidade do Império Português, sobretudo a devida moral que está ausente no momento em que o poeta luso escreveu *Os Lusíadas*. Camões desejava uma nova Era Imperial para o rei D. Sebastião (1554-1578), considerado pela corte portuguesa como “O Desejado”. Assim, na *Ilha dos Amores*, o poeta luso demonstra como o jovem rei deveria trazer essa segunda época dourada, dos antigos reis e navegadores, para o século XVI, como se encontra na estrofe 27, denominada de “Os Desconcertos do Mundo”:

E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem público imagina;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si somente, e a quem Filáucia ensina;
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente¹²⁷.

Neste conselho e crítica, é possível notar o seu descontentamento com a corte, pois eram bajuladores, buscavam a *filáucia*¹²⁸ e impedia que D. Sebastião (1554-1578) pudesse fazer novos feitos e “limpar” a sujeira de roubo, decadência moral e vaidade na corte portuguesa. Camões demonstra sua insatisfação para com o presente Império, assim como Ovídio mencionou na *Era do Bronze*, em que a “verdade e a fieza/ no lugar deles surgiram as fraudes, os dolos, insídias”.¹²⁹ Camões estava insatisfeito, para além da corte, também com a Igreja, pois:

Vê que aquiles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo, caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade...¹³⁰

Esta lamúria refere-se aos ministros do cristinismo que esquecem do real propósito da religião: sobretudo a caridade e defender o povo. Entretanto, a realidade encontrava-se em outro caminho: o povo não era defendido e os ministros legislavam em favor dos poderosos da corte, buscando, principalmente, altos postos e enriquecer. Esta insatisfação de Camões vai dos clérigos aos laicos, em que não há, no século XVI, para o poeta, mais homens como o próprio Vasco da Gama, ou como o “ilustríssimo Albuquerque”,¹³¹ ou o Diogo Lopes Sequeira, que, segundo o poeta,:

¹²⁷ CAMÕES, 2022, p.258.

¹²⁸ Filáucia significa vaidade (TUTIKAN, p. 258).

¹²⁹ OVÍDIO, 2023, p.40.

¹³⁰ CAMÕES, 2022, p. 259.

¹³¹ *Idem*, p. 291.

(...) abrirá novo caminho,
 Para ti, grande Império, que te areias
 De seres de Candace ¹³²e Sabá¹³³ ninho.
 Muçua¹³⁴, com cisternas de água cheias,
 Verá, e o porto Arquico¹³⁵, ali vizinho
 E fará descobrir remotas Ilhas,
 Que dão ao mundo novas maravilhas¹³⁶.

Dessa maneira, nos cantos da *Ilha dos Amores* encontra-se não somente o prêmio, mas a crítica e conselho aos portugueses, e acima de tudo, o caminho que eles devem seguir para alcançar tal prêmio, isto é, a glória eterna. Embora as *Metamorfoses* de Ovídio, em específico o trecho da *Era de Ouro e de Bronze* não se referem ao Império, mas sim à mitologia, ainda é possível ver tal semelhança nas lamúrias de Camões. Diferente de Ovídio, em que a *Era de Ouro*, governada pelo deus Saturno, representa o equilíbrio e era bem governada por ele; a *Era de Bronze*, por outro lado, é o início da decadência que, após a queda de Saturno, seu filho Júpiter (Zeus), não há mais bondade: os belicosos são violentos, cruéis e ímpios. Camões apresentou como era Portugal antes de D. Sebastião (1554-1578) e como os homens belicosos e religiosos estão no presente, para que o jovem rei possa mudar esta situação, sobretudo que ele traga, assim, uma *segunda época dourada*.

3.4 Entre a caça e o caçador: a estética de caça

Antes de apresentar a estética de caça presente na obra de Camões e de Ovídio, é importante pontuar que a Ilha é um prêmio aos lusos, pelos seus sacrifícios, sofrimentos, perigos sofridos tanto no mar como na terra, e descobertas de novos territórios; segundo denominou Américo da Costa Ramalho, a Ilha é “paraíso” (*TtaQáoêiaoc*), uma *naxáçcov vffaoç*,¹³⁷ “eternamente perfeita, gloriosa e feliz.”¹³⁸ Porém, inspirando-se nos antigos poetas da Antiguidade, este paraíso não é cristão, mas sim pagão: é um local em que os tripulantes se deleitam de prazer com as ninfas. A Ilha representa o amor puro e realizado (a união dos navegadores com as ninfas). Importante frisar que este é o prêmio carnal, pois no canto X há o prêmio espiritual: Vasco da Gama é levado por Tétis para um monte e, lá, a ninfa lhe mostra a Máquina do Mundo (a cosmografia do Universo).

¹³² Rainha da Etiópia (TUTIKIAN, p. 293).

¹³³ Soberana do reino de Sabá (TUTIKIAN, p. 293).

¹³⁴ Cidade da Abissínia (TUTIKIAN, p. 293).

¹³⁵ Também cidade da Abissínia (TUTIKIAN, p. 293).

¹³⁶ CAMÕES, 2022, p. 293.

¹³⁷ Significa “ilha dos bem-aventurados” (RAMALHO, Américo da Costa. *A Ilha dos Amores e o Inferno Virgiliano*: comunicação apresentada à I Reunião Internacional de Camonistas realizada em Lisboa de 15 a 18 de novembro de 1972. Lisboa: [s. n.], 1973, p. 419.

¹³⁸ *Idem*, p. 418.

Ou seja, ela revela o funcionamento do universo na concepção do poeta. Nessa Máquina, há 7 camadas, na qual são conhecidas como “Os Sete Céus”. O capitão, ao ser apresentado à tal Máquina do Mundo, acessa o conhecimento que era reservado apenas aos deuses, como uma forma de simbolizar a grandeza intelectual e espiritual dele.¹³⁹ É nesse sentido que há a importância de Gama para a representação da Ilha: Vasco da Gama foi o único a ter acesso a essa Máquina e aos conhecimentos dos deuses. É nele que encontra-se a soberania portuguesa: visto que Vasco da Gama representa o Império, como fora dito anteriormente, a sua grandeza intelectual e espiritual é reflexo da grandeza da coroa portuguesa.¹⁴⁰ Filho de seu tempo (humanista e renascentista), Camões uniu o santo (um ser cristão) ao profano (a deusa e as ninfas).

Entretanto, antes dos portugueses obterem o prêmio planejado pela deusa Vênus, há uma caça, representada como uma forma de batalha, em que há o vencedor e o perdedor. Vasco da Gama e a sua tripulação, antes de encontrarem a bela Ilha e as belas ninfas, estavam voltando para Portugal da sua viagem ultramarina. É neste trajeto de volta para casa, com os navios carregados de pimenta, noz-moscada, cravo, canela, e anotações de novas terras a serem conquistadas e mercadorizadas, que os portugueses encontram uma Ilha na costa leste africana. Como a viagem seria longa, decidiram parar para caçar alimentos e abastecer os barris de água: “Do mar inerente para a pátria amada/ Desejando prover-se de água fria/ Para a grande viagem prolongada..”¹⁴¹ Não sabiam eles que, lá, encontrariam belas sereias à espera deles a mando da deusa Vênus. Diferente de Baco, que tentou a todo custo sabotar a viagem da tripulação de Gama, a Vênus era defensora do Império Português, sempre protegendo-os dos perigos que Baco articula para os portugueses. Dessa forma, a deusa, alegre pelas descobertas dos portugueses, decide recompensá-los:

Porém a Deusa Cípria, que ordenada
Era, para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom gênio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhes, nos mares tristes, alegria¹⁴².

¹³⁹ CAMÕES, 2022, p. 301- 321.

¹⁴⁰ SILVA, Luís de Oliveira. *Ideologia e Retórica N'Os Lusíadas*. Biblioteca Digital: Universidade de Coimbra. 2012, p. 127.

¹⁴¹ CAMÕES, 2022, p. 265.

¹⁴² *Idem*, p.255.

Pois irá presentear-los assim como fez com os antigos Romanos, como consta no Canto IX, da estrofe 38:

Bem vês as Lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão-de venerar e ter em preço;
E, porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda enquanto posso,
A quanto se estender o poder nosso ¹⁴³.

No entanto, para obter êxito em seu plano, Vênus foi em busca de Cúpido, para que ele pudesse ajudá-la: “Seu filho vai buscar, porque só nele/Tem todo seu poder, fero Cupido,/Que, assim como naquela empresa antiga/A ajudou já, nestoutra a ajude e siga”.¹⁴⁴ E assim, Cupido e a sua expedição de “meninos voadores” começam a se preparar: “Uns amolando ferros passadores,/Outros hóstias de setas delgaçando./Trabalhando, cantando estão de amores..”¹⁴⁵, para atingir com a flecha “do amor” os corações dos portugueses, que “Desejo é só que queima e não consume”¹⁴⁶, isto é, que queima de desejo e não mata. Com o apoio necessário, Cúpido lança a flecha no peito das nereidas:

Despede nisto o fero moço as setas,
Uma após outra: geme o mar *cos* tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros;
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama¹⁴⁷.

Então, guiadas pela Vênus à Ilha, os lusos avistam a Ilha “(...) Namoradeira/ suave e deleitosa” de longe ¹⁴⁸, e os portugueses avistam as ninfas aos desembarcarem:

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.
Algũas, doces cítaras tocavam,
Algũas, harpas e sonoras frautas;
Outras, *cos* arcos de ouro, se fingiam
Seguir os animais que não seguiam.¹⁴⁹

¹⁴³ *Idem*, p.261.

¹⁴⁴ *Idem*, p.257.

¹⁴⁵ *Idem*, p.259.

¹⁴⁶ *Idem*, p.259.

¹⁴⁷ *Idem*, p.264.

¹⁴⁸ *Idem*, p.265.

¹⁴⁹ *Idem*, p. 269.

Esta estrofe é de extrema importância para a compreensão da caça, pois apresenta o intuito da deusa Vênus: que os portugueses a conquistem, e essa conquista só será possível por meio da caça. Ou seja, Vênus solicitou que as ninfas agissem como “incautas”, como despreocupadas,¹⁵⁰ sobretudo que fingissem seguir os animais, mas não se tratava somente de uma encenação. Para conquistar os portugueses era necessário mostrar que elas eram uma presa fácil, uma vez que o Amor na obra de Camões é visto como uma caça, em que o perdedor é quem decide desistir de resistir e deleitar-se no prazer. E, assim, a caça se inicia na *Ilha dos Amores*:

Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras.
Pouco e pouco, sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando¹⁵¹.

As ninfas seguem o plano que lhe fora ordenado e iniciam a fuga contra os portugueses: correm, “industriosas”, como se estivessem com manha, para que não saia da visão dos seus caçadores. Não há, como nota-se na estrofe acima, nenhum tipo de sofrimento às ninfas, elas não estão preocupadas, aflitas ou com medo, estão “sorrindo, e gritos dando”, contentes de serem perseguidas e de serem desejadas. Outro fingimento é quando elas seguem em direção ao mar e, nuas, fingem sentir vergonha, no entanto, não passa de outra atuação, visto que logo em seguida os portugueses podem observá-las: “Nuas por entre o mato, aos olhos dando/ O que às mãos cobiçosas vão negando”. Ou seja, o toque tão cobiçado, tão desejado, ainda lhes é negado, mas para que eles não se frustrem e não desistam, elas permitem que os portugueses possam apenas olhar: para que a caça seja mantida viva, que “o fogo que nele arde”¹⁵² permaneça.

Todavia, uma única ninfa¹⁵³ sente a vergonha da Deusa caçadora¹⁵⁴ e foge para as águas, para que as ondas cubra a sua vergonha. Após uma longa caça, as ninfas finalmente

¹⁵⁰ “Assim lho aconselhar a mestra experta:
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizesse primeiro desejadas” (*Idem*, p.269).

¹⁵¹ *Idem*, p.270.

¹⁵² Este verso remete ao que fora citado com o poema “Amor é fogo que arde sem se ver”, no qual Camões retrata o Amor como um sofrimento constante que sempre é desejado, pois a medida em que há o sofrimento, há também a vitória, pois “ganha em se perder”, isto é, perder refere-se a entregar-se (o perdedor) ao amor (o vencedor). Sempre na estética de caça, de vitória e perda.

¹⁵³ Camões não dá nome a ela, apenas a chama de “outra”. (CAMÕES, *op. cit.*, p. 270)

¹⁵⁴ A deusa à que Camões se refere é Diana, que aparece nas *Metamorfoses* de Ovídio como deusa da caça e da castidade.

rendem-se aos seus caçadores, “à vontade do inimigo”¹⁵⁵, atendem a súplica de Leonardo¹⁵⁶ e aceitam a sua derrota, como consta no Canto IX da estrofe 82:

Já não fugia a bela Ninfa tanto,
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor
Que todo se desfaz em puro amor ¹⁵⁷.

Nesta estrofe há o “puro amor”, em que é realizado com sorrisos alegres, ou seja, há, portanto, a união sexual entre os portugueses e as ninfas. Uma parte do prêmio é, enfim, entregue. Entretanto, esta longa trajetória sobre a caça de Camões é, também, vista ao longo das *Metamorfoses* de Ovídio. Diferente do poeta luso, o poeta romano traz a caça como uma tortura, como punição às presas, e não como prazer e união. Esta caracterização de punição é vista no mito sobre Dafne e Febo, no Livro I. Assim, Febo, filho de Vênus, atingido pela ira da flecha do Cupido, apaixonou-se por Dafne Peneia, uma ninfa. Peneia era encantadora e “muitos a desejavam, mas, aos desejanter avessa/impacientes, desdenha maridos e os bosques percorre,/ nem quer saber de Himeneu, ou de Amor, união ou conúbio”¹⁵⁸. Além de apenas Febo ter sido atingido pela flecha do Cúpido, Dafne era intransigente e seguidora de Diana, deusa da castidade. Porém, apaixonado e desesperado em ser correspondido, Febo não acatou a intransigência da ninfa e implora que ela ceda:

Ninfa, imploro, Peneia, espera! Hostil não persigo;
ninfa, espera! A anha ao lobo, ao leão a gazela,
pombas assim com penas trementes fogem à águia,
a cada uma imigo; por caua do amor eu persigo.
(...)
Ásperos são os locais aonde avanças: mais lento, te imploro,
corre, e inibe tua fuga: mais lento persigo-te eu mesmo¹⁵⁹.

A caça é iniciada contra a vontade de Dafne. Ela não corre alegre ou dando sorrisos como as ninfas de Camões, muito pelo contrário, como é visto na estrofe 530:

Nessa corrida assustada foge a Peneida e, com ela,
deixa falando o que ainda queria dizer muitas coisas,
mas, mesmo assim, parece-lhe bela; o vento desnuda o
corpo, e os sopros contrários faziam vibrar suas vestes,
leve brisa lançava impelidos para atrás os cabelos:
fuga encantava-lhe a forma¹⁶⁰.

¹⁵⁵ CAMÕES, *op. cit.*, p. 272.

¹⁵⁶ Um português que estava à caça.

¹⁵⁷ CAMÕES, *op. cit.*, p. 273.

¹⁵⁸ OVÍDIO, 2023, p. 54.

¹⁵⁹ *Idem*, p.55.

¹⁶⁰ *Idem*, p. 56.

Tal perseguição contra vontade da ninfa o instigou a continuar, visto que ele continuou com o ato com fé, enquanto ela corria com medo do que ele pudesse fazer com o seu corpo. Mas, cansada da fuga, Dafne para diante do rio e pede auxílio a Pneu.¹⁶¹ Sem demora, a metamorfose do seu corpo inicia-se: “braços crescem em ramos;/ pés há pouco velozes se fincam como raízes, face é da copa o ápice e dela só resta o lampejo”¹⁶². No entanto, mesmo tendo sido transformada em árvore, Febo conseguiu o que tanto desejava: que ela fosse dele: “‘Embora não possas ser cônjuge minha, /árvore, é certo, serás’, diz, ‘minha. A ti terão sempre meus cabelos, a cítara e as nossas aljavas, loureiro”¹⁶³. Ovídio traz essa narrativa de caça não concedida ao longo de toda obra, na qual em sua grande maioria há o estupro após a caça, como é visto na história de Leucônore: “‘Ele estuprou-me contra a vontade’, enterra, cruento,/ em uma funda cova que cobre com o peso da terra.”¹⁶⁴

Paralelamente, Ovídio descreve uma Ilha que remete a construção da *Ilha dos Amores* de Camões, em uma das descrições da caçada entre Sálmac e Hermafrodito:

(...) a terra de Cária: ali vê um lago com águas
claras até o fundo. Ali não há canas palustres
nem as ulvas estéreis nem juncos de pontas agudas;
clara é sua água: as margens do lago estão sempre cercadas
de vegetais vivazes e relva sempre virente.
Ninfas ali vive, mas não dada a caçadas ou arco
curvo ou que costume disputar as corridas,
única náide desconhecida da céler Diana¹⁶⁵.

Esta descrição da Ilha, com águas claras e ninfas, pode ser considerada como uma possível inspiração para a construção da Ilha de Camões. É importante levar em consideração que Camões passou um tempo na Ilha de Moçambique, o qual foi profundamente tocado não somente pelas características da Ilha, como também pela beleza e ajuda das mulheres, como fora visto no capítulo anterior. A inspiração de um poeta sempre vem da sua relação com a realidade e, também, através das suas leituras, como é o caso das *Metamorfoses*, visto que há uma caçada logo uma estrofe depois dessa descrição da ilha:

Nem a lança pega nem as aljavas pintadas,
nem mistura esse ócio seu às caçadas ferozes,
mas a ora banha em sua fonte ou membros formosos,
sempre arrumando os cabelos com o pente citóreo
e, consultando o reflexo nas águas, vê como fica¹⁶⁶.

¹⁶¹ Deus do rio (*idem*, p. 57).

¹⁶² *Idem*, p. 57.

¹⁶³ *Idem*, p. 57.

¹⁶⁴ *Idem*, p. 128.

¹⁶⁵ *Idem*, p. 130.

¹⁶⁶ *Idem*, p. 131.

Sálmace se apaixona por Hermafrodito e se declara para ele, no entanto, ao não retribuir-lhe o amor da mesma maneira, ela o agarrou, para que pudesse, assim, conhecer o amor. Todavia, Hermafrodito a distância: “Dá pra parar? Ou vou ter que fugir daqui por tua causa?/ Sálmace teme e ‘Deixo-te livres essas paragens’,/ diz, ‘estrangeiro’ e volta seus passos, simula afastar-se, /mas, sem deixar de olhar para trás, escondeu-se na moita/ abaixando-se com os joelhos..”¹⁶⁷ Percebe-se que há uma certa conexão entre o mundo de Ovídio e Camões, já que ambos descrevem a narrativa romântica em forma de conquista, de caça, em que sempre há ou um lado que o recusa, apenas fingindo, ou um lado que o recusa com repulsa. A repulsa é visto em Hermafrodito, o qual não tem a sua escolha respeitada e é forçado a se fundir com Sálmace:

“Venco! És meu”, exclama a náíade, e as vestes pra longe
lança o menino que luta, arranca-lhe beijos à força
e o submete com as mãos, toca o peito sem que ele deixe
e cerca o jovem ora de um lado e ora do outro¹⁶⁸.

Ao prender o corpo dele ao dela, a naiáde consegue que eles unam-se “em único rosto”¹⁶⁹. É possível perceber que Camões recriou a perseguição e união sexual consentida no lugar do estupro da narrativa de Ovídio. O estilo de caça é sempre presente, sobretudo nesta estrofe acima em que Sálmace diz “Venci!”, ao mencionar que tal perseguição refere-se à um luta e que há sempre um vencedor e perdedor. Camões aplica isso em sua Ilha, no entanto, diferente de haver o sentimento negativo da caça, ele ressignifica o ato: dá à perseguição a *manha*, a sutileza e a sexualidade de uma caça em que ambos consentem e desejavam-se. Como fora mencionado anteriormente, a Ilha é um prêmio aos lusos por terem realizado com êxito a missão da viagem de Vasco da Gama. Se houvesse um não consentimento verdadeiro, não seria um prêmio propriamente dito. Há, para além dos mencionados mitos de Ovídio, diversas descrições de caças, como é o exemplo da metamorfose de Ésaco:

Foge ao ser vista a ninfa, tal qual, em terror, uma corça
foge do lobo castanho, ou a pata selvagem do abutre
que a surpreende afastada do lago; o troiano acelera
por amor e persegue a que acelera por medo¹⁷⁰.

As ninfas são sempre descritas com medo, mas, principalmente, como a caça é uma narrativa que é constantemente comparada como uma batalha, visto na estrofe 770 e 780 de Ovídio: “Isso não temia, nem quis vencer tal custo”. ¹⁷¹ Além da caça, a descrição de ninfas

¹⁶⁷ *Idem*, p.131.

¹⁶⁸ *Idem*, p.132.

¹⁶⁹ *Idem*, p.133.

¹⁷⁰ *Idem*, p. 322.

¹⁷¹ *Idem* p. 322.

nas Ilhas também são frequentes, como é visto no mito que Glauco conta a Cila sobre a sua transformação:

(...)
Cila retorna (não ousa entregar-se ao meio das águas),
ou errando desnuda por sobre as areias sedentas
ou, cansada, encontrando afastados recantos dos mares,
nessas águas cercadas, seguras, refresca seus membros¹⁷².

Só nessa estrofe 900 de Ovídio, é possível perceber a relação da Ilha como um local de descanso, assim como Camões também o faz. Não apenas, o mito continua:

Glauco se aproxima e, vendo a moça, é tomado
de desejo, e tudo que crê que possa evitar que
fuja, fala, mas ela foge, veloz pelo medo,
chega ao topo da montanha próximo à praia¹⁷³.

Assim, nota-se, ao longo desta análise, que as Ilhas, as ninfas e os mitos das metamorfoses remetem à *Ilha dos Amores*, à caça entre os portugueses e as nereidas, mandadas por Vênus. Os usos do passado, da presença das divindades antigas na Ilha de Camões é um reflexo do movimento humanista em vigor: é, portanto, uma intersecção entre o antigo e o presente, uma continuidade de tradições dos seres mitológicos, mesmo que utilizados apenas como um recurso literário. Por sinal, é importante pontuar que a Ilha é o único canto descrito em que o amor não é fonte de dor, sofrimento e frustração, como é visto em outros cantos da lírica camonianiana. Camões coloca os lusos juntos à imortalidade: ao irem de encontro para com as ninfas e unirem-se à elas, que são seres imortais, os portugueses são colocados como semidivinos. Alcançam, por meio das nereidas, a fama e, principalmente, a glória eterna. Por isso, a análise da estrutura é importante, pois nos mostra o esforço do poeta português em estabelecer uma diferenciação entre a sua escrita e a de Ovídio, por se tratar de um prêmio, e não algo tomado à força. Camões metamorfoseou o conceito de Ovídio de “tudo muda, tudo perece” e criou um sentido novo para a *Ilha dos Amores*:

Nada permanece na forma de todas as coisas renovadora,
a natureza produz de umas às outras.
Nada perece em todo o mundo, eis a verdade,
tudo varia e renova sua forma, e o que chamam
nacer é
começar a ser diferente do que antes já fora, e
não mais ser o que era, morrer. (...).

4. A ILHA DOS AMORES COMO POEMA MODERNO: ALEGORIA E CRÍTICA

Este capítulo busca responder a pergunta problema levantada na introdução: De quais modos Luís Vaz de Camões, inspirado nas *Metamorfoses* de Ovídio, representa a *Ilha dos*

¹⁷² *Idem*, p. 370.

¹⁷³ *Idem*, p. 370.

Amores n'Os Lusíadas? A *Ilha dos Amores* é “o ponto final” da sua argumentação construída ao longo d'*Os Lusíadas*. Visto que em cada canto e verso, Camões narra não somente a história da viagem ultramarina portuguesa e a história do Império Português desde a sua fundação, quando ainda era o Condado Portucalense, até o momento em que o poeta está inserido, mas também nos mostrou que para obter-se tais feitos, como outrora realizados pelos antigos navegadores e reis, era necessário distanciar-se da decadência moral que os impedia de realizar suas conquistas, visando não exclusivamente o bem próprio – isto é, a riqueza e a fama –, mas acima de tudo, expandir o Império Português e cristão. A obra de Camões, assim como outros textos literários, são detentores de símbolos e objetivos a serem alcançados. Ou seja, segundo o historiador Roger Chartier, nenhuma obra é neutra:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.¹⁷⁴

Ao analisar a maneira como Camões representa a Ilha, será possível apresentar as representações da sua mentalidade mediante ao contexto histórico político-cultural o qual ele estava inserido. Em outras palavras, a sua percepção de decadência moral e imperial, é um caminho para apresentar uma realidade social de um português, com bom ensino e acesso à textos clássicos, do século XVI. Assim, busco elucidar o significado do mito e como Camões se apropria dessa narrativa simbólica em sua Ilha. Em seguida, busco traçar conexões e diferenças entre os versos de Camões e Ovídio, pois como fora mencionado, Camões trouxe uma releitura da relação entre os seres místicos e os seres humanos, para atender aos anseios da sua época. Ovídio, pertencente à Antiguidade, escreveu a sua obra para, sobretudo, mostrar como a violência que alguns ditadores, como Júlio César pregam, apenas trazem resultados negativos para a sociedade. Camões, pertencente à modernidade, escreveu a sua obra para mostrar que a busca apenas por dinheiro, por fama e prazeres pessoais, são, em suma, um dos motivos do Império Português não se encontrar ainda em uma época de “ouro”. A interpretação de uma obra sempre pode ser metamorfoseada dependendo das respectivas expectativas do horizonte e dos pré-juízos, como elucidados por Ricoeur.

4.1 Os Usos do Mito na Ilha de Camões

Mircea Eliade dá lume a uma importante discussão sobre os usos do mito, em seu livro *Mito e Realidade* (2000). O historiador romeno elucida o significado do mito, explorando a

¹⁷⁴ CHARTIER, 1990, p. 9.

importância dos rituais e das práticas religiosas em diversas culturas ao redor do mundo, principalmente como os mitos são feitos atualmente pelos indígenas. E, embora a presente pesquisa não seja voltada para os povos indígenas, Eliade contribui para compreender os usos do mito na Antiguidade não como uma mentira, mas sim como um instrumento de discurso político e filosófico do século, servindo também para a construção da Ilha dos Amores no século XVI. O autor pontua o significado da palavra “mito” ao longo do tempo, principalmente como é compreendido no século XIX e Antiguidade, no qual no século XIX era visto como uma “ilusão”, diferente, pois, do mundo antigo, que o sentido da palavra estava designado à uma “tradição sagrada, divina”.¹⁷⁵

Eliade atenta aos leitores que a definição do mito pode (e é) ser feito por diversas perspectivas, em que cada indivíduo atribui um sentido, um valor divergente às diversas formas de mitos. Assim exposto, o autor apresenta a sua visão: “O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”.¹⁷⁶ Para o autor, o mito é o nascer do mundo e dos seres que nele habita, utilizado em ocasiões específicas, dependendo da civilização. O mito é, portanto, cercado pela narrativa de criação do Ser Sobrenatural que tudo criou, logo é uma “história verdadeira”, uma vez que relata os acontecimentos. Esses acontecimentos são utilizados para “justificarem” os atos que os mitos proporcionam.

O povo Pawnee, norte-americano, originalmente do Estado de Nebraska, exemplifica a divergência entre conto e mito: a “história verdadeira”, isto é, o mito, é tudo que remete a origem do mundo por meio dos seres divinos. Já a “história falsa”, compreende-se como o conto, no qual tem um caráter heróico, em que um ser salvou um povo da perdição, eliminando qualquer perigo, fome e doença dessa sociedade. Segundo Eliade, “‘As histórias falsas’ são as que contam as aventuras e proezas nada edificantes”.¹⁷⁷ Ou seja, o conto remete ao profano e ao sagrado. Fundamental frisar que o mito não narra unicamente a origem do mundo, mas também acontecimentos que levaram ao que o ser humano é hoje. Em outras palavras, “um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras”.¹⁷⁸ Então, para que a sociedade contemporânea seja o que é hoje, foi preciso que os seres sobrenaturais criassem o início de tudo; há o presente, pois foi necessário um passado (“in illo tempore”). O mito, portanto,

¹⁷⁵ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 6.

¹⁷⁶ *Idem*, 2000, p.9.

¹⁷⁷ *Idem*, 2000, p. 11.

¹⁷⁸ *Idem*, 2000, p. 13.

ensina. Ensina os hábitos mais gerais e específicos da socialização: do ser humano como indivíduo e coletivo. Importante pontuar que as sociedades antigas¹⁷⁹ estudam os mitos, realizam e alteram, como uma forma de repetir os mesmos atos, feitos pelos deuses, por exemplo, no passado: uma forma de se conectar com eles e seguir seus passos, através dos seus ritos.

À medida em que os seres humanos conhecem os mitos – origem de tudo –, eles adquirem poder sobre tal para, como o autor mencionou, “dominá-los e multiplicá-los”. Quando um rito é passado de pai para filho e, dependendo da civilização, de mãe para filha, é possível que esses filhos e filhas se conectem com seus ensinamentos dos seus ancestrais e modifiquem o que aprenderam, adicionando novos conceitos e sentidos. Esse conhecimento é referente a ordem esotérica, a qual está ligada a religião e filosofia passada de geração em geração. O ser humano, muitas das vezes, sente a necessidade de crer em algo maior que eles. Assim, Bronislaw Malinowski pontua que “(...) ¹⁸⁰Uma narrativa que faz reviver uma realidade primitiva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, pressões e a imperativos de ordem social”. Portanto, para as sociedades antigas e modernas o mito é imprescindível para a moral do povo, servindo de guias a serem orientados sobre as regras e caminhos que devem seguir. O mito é o remédio para os feridos e caminho para os perdidos. Sendo assim, reproduzi-los é, pois, torná-lo vivo.

Em suma, de acordo com Eliade Mircea, o mito representa a forma que determinadas sociedades se organizam enquanto um ser individual e coletivo, preservando a origem e trazendo um novo significado importante para a vida das pessoas de uma determinada sociedade. Por fim, o historiador romeno pontua que “A origem de uma coisa corresponde à criação dessa coisa.”¹⁸¹ Seguindo a linha de pensamento sobre os mitos, Eduardo de Sousa Fagundes dá lume à apropriação da mitologia clássica presente n'*Os Lusíadas*. Sousa Fagundes nos atenta que Camões utilizou a mitologia clássica à história de Portugal, e por isso a epopeia camoniana é considerada uma inovação. O tempo de Camões encontra-se nas estruturas religiosas do cristianismo, no monoteísmo, não no politeísmo, como fora no tempo de Ovídio. E, como o mito tem o intuito de, também, “satisfazer os desejos” é por meio desse objetivo que Camões constrói a representação da Ilha, buscando concretizar, mesmo que não na realidade, o que ele desejava ao Império, sobretudo à D. Sebastião.

¹⁷⁹Eliade se refere às grandes civilizações antigas da história, como a Mesopotâmia, o Antigo Egito, a Grécia Arcaica e a Índia Antiga.

¹⁸⁰ ELIADE, 2000, *op.cit.*, p. 14.

¹⁸¹ *Idem*, 2000, p. 31.

Sousa Fagundes menciona que “O passado alcançado através da memória era mais do que o simples antecedente do presente: era a sua fonte.”¹⁸² Ou seja, o mito é a ponte entre o passado e o presente, no qual o passado é alcançado pela memória. É, de certa forma, uma ruptura com a cronologia linear, pois a memória busca distanciar-se da perspectiva de que o passado ficou para trás, esquecido no tempo. Então, considerar o passado como uma fonte é, também, uma maneira de perdurar e dar sentido ao presente. O passado é constantemente estruturado e revivido pela memória que o preserva e o atualiza, dando novos sentidos e identidades. Este é o ponto crucial para os usos do mito na Ilha de Camões, visto que ao resgatar os feitos de Vasco da Gama e fundi-los com o mino na Ilha dos Amores, o poeta não está somente registrando um “antecedente” (a viagem de 1497-1499). Ele está transformando essa viagem em uma fonte moral e política de Portugal da segunda metade do século XVI.

Para a corte de D. Sebastião, na qual Camões a via como “decadente”, o passado “heroico” alcançado pela memória da epopeia deveria ser a fonte de inspiração para “regenerar” o presente. Eduardo de Sousa Fragundes nos mostra o intuito de Heródoto ao inaugurar a historiografia: “Ele próprio explicou a razão pela qual escreveu suas histórias: para que as façanhas dos homens não se perdessem no tempo.”¹⁸³ Essa fala nos remete ao sentido da Ilha dos Amores: conselho e crítica de Camões. Uma vez que, para o poeta português, os militares e os imperadores não apreciavam as belas artes (a poesia), Camões buscou mostrar n'Os *Lusíadas* que sem os poetas não haveriam memória a ser cantada/contada, pois são eles que contam os eventos históricos. Dessa forma, no contexto do Renascimento, o mito é utilizado como uma ferramenta de pensamento e discurso político, sobretudo quando analisamos a Ilha por meio do conceito de representação de Roger Chartier.

Para o historiador, as representações não são reflexos passivos da realidade, mas sim “as configurações por meio das quais as realidades são apreendidas e significadas”.¹⁸⁴ Ao apropriar-se dos mitos ovidianos (Vênus, Tétis, Júpiter, Marte, Baco, entre muitos outros), Camões não está apenas replicando a Antiguidade, mas sim está construindo uma representação que visa intervir na realidade política de Portugal do século XVI. Mais ainda, Chartier enfatiza que as representações são marcadas por lutas e divisões, nas quais buscam uma imposição de poder. O ideal nacional na monarquia de D. Sebastião encontrava-se

¹⁸²FAGUNDES, Eduardo de Souza. *Os Lusíadas e a apropriação da mitologia clássica*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014, p. 16. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/115693>. Acesso em: 2 jul. 2026

¹⁸³ *Idem*, 2014, p. 16.

¹⁸⁴ CHARTIER, 1990, p.17.

enfraquecida, devido a por instabilidade em várias instâncias, como econômica e militar, mas principalmente pela cobiça na corte. Camões utilizou o mito pagão da Ilha dos Amores como uma representação alternativa de virtude, a qual ele acredita faltar na nobreza cortesã. Assim, a representação mítica funciona como uma "estratégia social e política que visa impor uma determinada visão do mundo social"¹⁸⁵, uma visão do mundo social, portanto, a partir da perspectiva de Camões.¹⁸⁶

4.2 A Construção da representação da *Ilha dos Amores*

A transformação de Camões é vista na *Ilha dos Amores* como uma resposta aos acontecimentos de Portugal da segunda metade do século XVI. Na Ilha, a metamorfose não é física, pois o sentido da metamorfose mudou de acordo com os acontecimentos da Modernidade. Os portugueses não viram pedras, árvores, pássaros, ou qualquer outra coisa, como é visto nas *Metamorfoses*. Em Camões, a transformação ocorre no aspecto do status: os marinheiros, sobretudo Vasco da Gama, ascendem à condição de heróis, visto na estância 95 do Canto IX:

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora cos as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos
E nesta Ilha de Vênus recebidos.¹⁸⁷

Esta estrofe se refere ao final do conselho da Fama aos que querem alcançar a glória. Na narrativa ovidiana, a deusa Fama é quem espalha informações sobre os acontecimentos ocorridos, sejam eles bons ou ruins, ela tem o propósito de sempre lembrá-lo.¹⁸⁸ Essa apropriação da deusa Fama de Ovídio para a escrita de Camões torna-se fundamental ao compreender a importância dela para a mitologia, levando em consideração a forma como Camões a utilizou: Fama é quem dá conselhos aos portugueses de qual caminho seguir para alcançar a glória. Ao nosso ver, o poeta português apropriou-se dos principais deuses e deusas para engrandecer o Império e os seguidores dele. Paralelamente, é através do espírito das cruzadas, com “as espadas”, que eles conseguirão obter a glória, a imortalidade que tanto desejam.

¹⁸⁵ *Idem*, p. 183.

¹⁸⁶ *Idem*, p. 183.

¹⁸⁷ CAMÕES, 2022, p. 277.

¹⁸⁸ DEUSES GREGO-ROMANOS. *Deusa da Fama: história, mito e significado*. Deuses Gregos, [s.d.]. Disponível em: <https://deusesgregos.com.br/deusa-da-fama/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

Camões invoca os leitores para engrandecerem (“fazer claro” o jovem rei D. Sebastião Portugal. *Os Lusíadas*, sobretudo a *Ilha dos Amores*, é um chamado aos portugueses que foram atravessados pelo sentimento de “decadência”. Ele nos mostra que “quem quis, sempre pôde”, no qual o poeta alerta os leitores que não criem obstáculos imaginários (“impossibilidades”), pois é possível alcançar o que deseja, pois a vontade genuína consegue ultrapassar quaisquer dificuldades.¹⁸⁹ Mais ainda, ele aponta, como fora visto ao longo da presente pesquisa, que não bastava, simplesmente, o desejo de torna-se imortal na História. Muito pelo contrário, em sua crítica aos portugueses, ele expôs a sua frustração aos que não são justos, não possuem a “Sapiência Suprema”¹⁹⁰, como nota-se na estância 93:

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e na torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente.
Milhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.¹⁹¹

Em um momento que perpassa o sentimento de “decadência”, o poeta frisa a importância de atentar-se ao objetivo das expedições militares, nas quais são voltadas para expandir o Império, no sentido territorial, e a fé cristã aos “não-cristãos”, sobretudo dando um “freio duro” à cobiça dos governantes, dos navegantes que buscam apenas enriquecer e imortalizar os seus nomes. Este conselho é uma crítica direta à ilusão e ao perigo dos vícios materiais e do poder, o que tal tema pode ser visto no livro “O Príncipe”, de Nicolau Maquiavel. Este livro é, assim como o de Camões, um manual, mas focado apenas nos reis. Ou seja, como os reis devem manter o poder centralizado e a soberania do Império, frisando afastar-se dos bajuladores e da ambição.¹⁹²

Não obstante, ele acrescenta que as pessoas, com frequência e de forma indigna, caem na “torpe” (corrupto) e “escuro” da “tirania infame”. Isto é, o poder sem freios morais transforma-se em opressão, como será apresentado mais à frente a crítica que Ovídio constrói, através de Ulisses e Ajax sobre a opressão vivida na Antiguidade, no reinado de Júlio César (49 - 44 a.C). Assim, a estância 93 é central, pois Camões utiliza os navegantes como exemplo para combater a nobreza cortesã de Lisboa da sua época. Acima de tudo, ele criticava os nobres que usufruem das riquezas e títulos herdados e que eram movidos pela

¹⁸⁹ E este conselho torna-se compreensível à luz do contexto histórico, como apontado no capítulo dois.

¹⁹⁰ CAMÕES, 2022, p. 301.

¹⁹¹ *Idem*, p. 276.

¹⁹² NICOLAU, Maquiavel. *O Príncipe*. Barueri: Garnier, 2023.

ganância e tirania, mas que não mereciam (“possuí-los sem os merecer”), enquanto os verdadeiros heróis - como os navegadores e soldados –, que muitas vezes morriam na miséria sem qualquer reconhecimento (“merecê-los sem os ter”).

Paralelamente, Vasco da Gama e a sua tripulação são imortalizados através da relação entre os seres mortais (os portugueses) e as ninfas (semi-divinos), como consta na estrofe 83, é transmutada:

Oh! Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.¹⁹³

Nesta descrição de carinhos na Ilha, é possível notar que se trata de um *locus amoenus*, como dito anteriormente, mas a *Ilha dos Amores* vai além do prazer físico. Para alcançar o aprofundamento desta afirmação, é preciso apresentar, com mais afinco, a Máquina do Mundo e o papel dela na metamorfose de Vasco da Gama. No Canto X, após o deleite dos “afagos tão suaves”, no prazer dos portugueses com as ninfas, uma figura central da Máquina aparece: Tétis, a nereida que canta as profecias à Gama em um monte ao qual apenas ele teve acesso. A Máquina, como apontado anteriormente, possui onze esferas da região celestial, sendo sete céus: 1º a Lua, 2º Mercúrio, 3º Vênus, 4º o Sol – que se encontra no meio da orbe (Máquina) –, 5º Marte, 6º Júpiter, 7º Saturno. Há, também, quatros elementos da região celestial: fogo, ar, vento e neve, os quais têm o mar e a terra como o centro da esfera.¹⁹⁴

A sua caracterização da Máquina foi criada para exaltar os feitos dos portugueses, como Costa Ramalho aponta que a Ilha dos Amores:“(…) está no fim do poema, posição-chave também, e aí, além da exaltação do esforço humano (e não apenas português) se encontra a narração dos feitos que os Portugueses vão cobrar no Oriente, isto é, aquela parte da gesta nacional que tem relação mais.”¹⁹⁵ Tais esforços são prezados pelo poeta, pois será por meio deles que será possível trazer uma segunda época dourada para Portugal. Esta descrição da Máquina do Mundo de Camões, que revela as visões do futuro de Portugal,

¹⁹³ CAMÕES, 2022, p. 274.

¹⁹⁴ *Idem*, p. 302-305.

¹⁹⁵ RAMALHO, Américo da Costa. *A Ilha dos Amores e o Inferno Virgiliano*. In: RAMALHO, Américo da Costa. **Estudos Camonianos**. 2. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980. p. 45-67.

remete aos ensinamentos de Pitágoras sobre os elementos, presentes no Livro XV das *Metamorfoses* de Ovídio:

Quatro são os corpos gerativos que o eterno
mundo contém. E dentro eles há dois mais pesados
que por seu peso se arrastam pra baixo, a terra e a água,
outros dois, sem peso, se nada os retém, as alturas
buscam: um, o ar, e mais puro que os ares, o fogo.¹⁹⁶

Tal semelhança entre a escrita de Ovídio e, posteriormente, de Camões, é vista como parte do movimento que o poeta português estava inserido: humanismo. Nota-se, a partir dessa estrofe de Ovídio, que ele descreve os quatro elementos da natureza, isto é, a teoria da física e da cosmologia que os antigos gregos e romanos utilizavam para compreender como o mundo era organizado. Assim, visto que uma das premissas do movimento humanista era a ordem natural e busca pela transcendência, Camões inspirou-se nos escritos clássicos, inspirou-se no poeta romano a partir de como o humanismo via a dinâmica da física clássica: uma metáfora para a própria condição humana. O poeta português usa esta mesma lógica para descrever as tempestades, o funcionamento das naus e a estrutura do universo, como percebe-se nas estâncias da Máquina no Mundo. Paralelamente, é importante salientar que a Máquina do Mundo representa o preenchimento do espaço entre o tempo de Vasco da Gama e o momento que Camões estava inserido.

Ou seja, uma vez que Camões narra a viagem de Vasco da Gama, que ocorreu entre os anos de 1497-1499 (século XV), era necessário apresentar um ponto de ligação com as conquistas após a viagem de Gama, para que ele pudesse inspirar o jovem D. Sebastião e criticar a moral da nobreza cortesã do seu tempo, século XVI. Esta mesma estratégia de escrita foi utilizada por Ovídio, que buscou apresentar a história desde a origem do mundo até o momento em que ele se encontra. Mas, diferente de Camões, o poeta romano utilizou para adotar um caminho de apenas crítica ao seu tempo. Nascido em 43 a.C, Ovídio foi criticado por suas obras, mesmo sendo renomado assim como Virgílio e Horácio, pois ele criticou a realidade a qual ele estava inserido. Ovídio presenciou, também, o reinado de Augusto, filho adotivo de Júlio César (49-44 a.C). Durante o seu reinado, a República Romana chegou ao fim e foi instaurado o regime imperial, através de um decreto senatorial, sancionado em 16 de

¹⁹⁶ OVÍDIO, 2023, p. 408-409.

janeiro de 27 a.C, tornando-o primeiro imperador romano – conhecido não como rei, mas sim como príncipe.¹⁹⁷

Neste momento de transformações em Roma, na qual Augusto buscava restaurar a estabilidade, para os escritores e filósofos da época, ele fora visto como ditador. Por sinal, o poeta romano foi exilado pelo imperador para a cidade de Tomis, pois o “desagradou” com um dos seus poemas. Mas é importante ressaltar que não há uma confirmação concreta do real motivo do seu exílio, como aponta Eduardo André: “O motivo real do exílio de Ovídio não é conhecido, embora ele mencione que foi devido a um “*carmen*” (poema) e a um “*error*” (deslize ou engano), na sua obra “Tristeza” (*Tristis*), escrita em *Tomis*.¹⁹⁸ Dessa forma, em Camões, a descrição da Máquina do Mundo é descrita para apresentar o que o Império Português irá conquistar, como é possível ver na estrofe 79 do Canto X:

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o Arquétipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: “O trasunto, reduzido
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.”¹⁹⁹

Esta Máquina, na qual Tétis apresenta o “trasunto, reduzido/ do mundo aos olhos teus, para que vejas/ Por onde vás e irás e o que desejas”, compreende-se como o funcionamento dos cosmos aos navegantes: ou seja, representa as conquistas futuras de Portugal à Gama. Aqui, encontra-se o ponto de conexão entre o mito e a História, como afirma Ana Binet: “Este episódio, tal como *Os Lusíadas* no seu conjunto, constitui um depósito onde a memória coletiva portuguesa vai buscar a substância que alimentará o imaginário nacional a partir do século XVI”.²⁰⁰ No entanto, o imaginário nacional só é “alimentado” a partir da figura de Vasco da Gama, pois ele é o personagem principal da obra, visto que é através dele que a grandeza do Império é representada. O prêmio obtido nestes Cantos IX e X volta-se principalmente à complexidade da expedição que lhe fora ordenada por Manuel I. Como Nigel Cliff afirma, Vasco da Gama e a sua tripulação foram em busca do desconhecido, visto

¹⁹⁷WASSENHOVEN, Marc. *O Principado de Augusto*. Tradução de Alexandre de Oliveira. World History Encyclopedia, 2024. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-2363/o-principado-de-augusto/>. Acesso em: 1 jul. 2026.

¹⁹⁸HISTÓRIAS DE ROMA. *Arquivo de março de 2018*. Histórias de Roma, 2018. Disponível em: <https://historiasderoma.com/2018/03/>. Acesso em: 1 jul. 2026.

¹⁹⁹*Idem*, p. 302.

²⁰⁰BINET, Ana Maria de Albuquerque. O Episódio da Ilha dos Amores, uma Imago Mundi entre Oriente e Ocidente. In: Portugal-Goa: *Ensaios de História e Literatura*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [s.d.], p. 3. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17865.pdf>. Acesso em: 27 jun.2026.

que o seu rei lhe ordenara: “Não havia mais mapas; de agora em diante, folhas em branco teriam que ser preenchidas”.²⁰¹

Por se tratar de um súdito do rei, a forma como Vasco da Gama é exaltado é, também, uma maneira de engrandecer o Império, pois o capitão Gama é quem representa a figura do que é ser português no século XVI: isto é, católico, que busca expandir o império e a fé cristã. Sua expedição trouxe resultados positivos para Portugal, como é visto na Máquina do Mundo, pois conquistaram alguns reinos como Arração, Pegu, Champá, Cochinchina, Ainão, China, Japão e Terra de Santa Cruz (Brasil), dentre outras descrições.²⁰² E este é o desfecho dá lume à maneira como Camões constrói a sua narrativa sobre o Vasco da Gama, e consequentemente, como representante do Império: os territórios mencionados acima não foram conquistados por Vasco da Gama, embora ele tenha realizado outra expedição em 1502 de volta à Índia.²⁰³ Porém, tais conquistas de Portugal também eram, de certo modo, as conquistas de Gama. Camões constrói o sentimento de nacionalidade em um momento de instabilidade em várias esferas.

Importante frisar que todas tomadas de territórios mencionados na visão do futuro de Vasco da Gama ocorreram durante o reinado de D. Manuel I e D. João III – muito embora seja durante o reinado D. João III que Portugal enfrenta uma instabilidade, como fora mencionado no primeiro capítulo. É possível notar esta afirmação no Canto IX, estrofe 88:

Assim a formosa e a forte companhia
O dia quase todo estão passando
Numa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando;
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está aguardando
O prêmio lá no fim, bem merecido
Com fama grande e nome alto e súbito.²⁰⁴

A partir desta estrofe, é possível visualizar como Camões mostra o feito de Vasco da Gama como uma “ousadia”, como se o capitão Gama tivesse sido o mentor de todas as ideias, de todas as estratégias militares da expansão territorial e, consequentemente, do cristianismo. Por isso, o prêmio é “bem merecido”. Vasco da Gama é descrito, não somente na *Ilha dos Amores*, mas ao longo de todo *Os Lusíadas* com características de um herói: foi através dele

²⁰¹ CLIFF, Nigel. *Guerra Santa: como as viagens de Vasco da Gama transformaram o mundo*. São Paulo, Globo, 2012, p. 174.

²⁰² CAMÕES, 2022, p. 314-320.

²⁰³ BUENO, Eduardo. *A viagem do Descobrimento: um olhar sobre a expedição de Cabral*. São Paulo: Estação Brasil, 2019, p. 128.

²⁰⁴ CAMÕES, 2022, p. 275.

que o Império conseguiu explorar e se apropriar de novos territórios. Ele foi além de Bartolomeu Dias, que “apenas” chegou até o Cabo das Tormentas e voltou à Portugal.²⁰⁵ Camões o descreve como um personagem que foi além do imaginado; ele era forte, valente, cristão, e justamente por causa dessas características, os seus atos de violência contra à outros povos, contra a outras culturas, são descritas com grandiosidade. O primeiro confronto dos portugueses e os mouros é descrito quando Vasco da Gama e a sua tripulação estão em Moçambique, em que é através desse confronto direto que tais características dão lume ao personagem principal da obra, conforme ilustrado na estrofe 44 do Canto I:

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas²⁰⁶ se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inabitada terra lhe parece. (...) ²⁰⁷

Observa-se que tal caracterização de Gama como “forte capitão”, “soberbo e de altivo coração”, são pertencentes à uma estruturação de exaltação que Camões constrói não somente em outros cantos d'*Os Lusíadas* como essencialmente nos cantos da *Ilha dos Amores*, visto que as profecias de Tétis são cantadas apenas para Vasco da Gama. E, por esse motivo, o *locus amoenus* é, também, o prêmio aos navegadores. Como apontado no capítulo anterior, essa definição do cenário idealizado da natureza, caracterizado pela paz, harmonia, segurança e apelo sensorial também foi visto nas *Metamorfoses* de Ovídio. Porém, em paralelo a isso, personagens proféticos também são citados ao longo da obra do poeta romano, além do Proteu, há também a Têmis, que pode ser compreendida como a Tétis de Camões, se avaliarmos o sentido por meio do qual foi inserida na narrativa ovidiana. No entanto, há uma diferença nas profecias de Têmis, poi a sua visão do futuro não era para descrever os feitos, as vitórias dos irmãos Etéocles e Polinices, mas sim a guerra em que ambos iriam travar:

Têmis profetiza a guerra entre os irmãos Etéocles e Polinices, que vão se matar na guerra disputando o domínio de Tebas, a morte de Capaneu fulminando por um raio e a descida do vate Anfiarau ao mundo inferior, onde encontrará os Manes que antes consultara (*sus manes*). Assuntos narrados tradicionalmente na *Tebaida*.²⁰⁸

²⁰⁵ BUENO, *op. cit.*, p. 83-84.

²⁰⁶ De acordo com Jane Tutikian (2022), empresas se referem ao descobrimento do caminho marítimo para as Índias realizado por Vasco da Gama.

²⁰⁷ CAMÕES, 2022, p. 31.

²⁰⁸ OVÍDIO, 2023, p. 261.

Nas profecias de Tétis, por outro lado, privilegia-se a alegoria da glória à Vasco da Gama:

Que as Ninfas do Oceano, tão formosas,
Tethys e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aqueles preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha:
Estes são os deleites desta Ilha.²⁰⁹

Na epopeia camoniana, os seres mitológicos são utilizados como um aparato literário e, acima de tudo, para engrandecer os portugueses, especificamente o capitão Gama. No entanto, torna-se imprescindível pontuar que esta apropriação dos seres místicos não são utilizados unicamente como uma “cópia” de Ovídio, há uma intencionalidade nessa apropriação. Camões não cita os deuses e as deusas como maiores que os portugueses, muito pelo contrário, os colocam como iguais – neste caso, os portugueses que fizeram, segundo o poeta, os feitos heroicos. Consta-se, portanto, que a clara demonstração da igualdade entre Vasco da Gama, a sua tripulação e as ninfas, seres mitológicos, é a partir da sua relação sexual. Então, o propósito camoniano reside em fazer com os portugueses, assim como os antigos fizeram, isto é, imortalizaram no Olimpo, com base no “triunfo”, “glória e maravilha” do prêmio à Vasco da Gama:

Que a imortalidades que fingia
A antiguidade, que os Ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asa ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso.²¹⁰

Nesta estrofe, Camões evidencia que para alcançar o caminho à imortalidade no Olimpo, é necessário trilhar um “caminho da virtude”, através de “obras valorosas” e “trabalho imenso”. Mas, não apenas isso, o poeta complementa o seu poema na estância 91:

Não eram senão prêmios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo *cos barões* que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Júpiter, Mércurio, Febo e Marte,
Enéas e Quirino e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,

²⁰⁹ CAMÕES, *op.cit.*, p. 275.

²¹⁰ *Idem*, p. 275.

Todos foram de fraca carne humana.²¹¹

Esta estância evidencia o caminho para o objetivo central de Camões na construção da *Ilha dos Amores*: a imortalidade humana. Os “barões”, homens ilustres, herois, guerreiros, figuras de grande valor, eram pessoas humanas, que por meio do esforço (coragem, bravura, ambas características vistas na forma como Camões descreve o Vasco da Gama) e arte (inteligência, engenho), tornaram-se imortais. Ou seja, os deuses citados: Júpiter, Febo, Marte, entre outros, foram, um dia, “de fraca carne humana”, mas tornaram-se deuses para a humanidade por agiam como homens e mulheres de grande esforço e detentores da arte em seu tempo (Antiguidade). Importante frisar que, embora Vasco da Gama seja o personagem principal da obra, Camões também cita portugueses que alcançaram tal imortalidade por meio dos seus feitos: Pero de Nhaya, D. Cristóvão da Gama, D. Pedro de Castel-Branco, D. Felipe de Meneses e D. Pedro de Sousa, Fernão de Magalhães, dentre muitos outros nomes citados ao longo das profecias de Tétis à Gama²¹². A longa descrição dessas figuras importantes são fundamentais, pois explicita quais foram os feitos positivos destes homens imortalizados para o avanço da expansão ultramarina portuguesa, com o intuito de incentivar a nobreza cortesã, a qual encontra-se corrompida pela ganância, a retomar aos reais valores cristãos.

A caracterização do prêmio de Camões pode ser compreendida sobre a ótica da glória que consta no Livro XIII de Ovídio, sobretudo no discurso que Ulisses dá: é, principalmente, uma aula de retórica, voltado para o intelecto e utilidade para a guerra.²¹³ Tal construção discursiva concentra-se no personagem Ajax, no qual Ulisses menciona sobre a ausência do engenho em paralelo ao uso apenas da sua força bruta, pois, para ele, é irrelevante para uma guerra, visto que é necessário, sobretudo, a estratégia para vencer-lhe o inimigo. Assim, posterior à descrição sobre a inutilidade da força de Ajax, a astúcia de Aquiles e a herança das armas dele – na qual Ajax não soube compreendê-las e valorizá-las –, Ulisses foi, enfim, o vencedor da disputa. E, o seu prêmio fora a glória:

Ora, chefes, dai o prêmio ao vosso vigia
pelos anos de empenho, os quais passei ansioso,
conceda-me a glória, a merecida vitória.
Já se encerra o labor; afastei os fados opostos:
Pérgamo eu conquistei ao tornar possível a conquista.²¹⁴

²¹¹ *Idem*, p. 276.

²¹² *Idem*, p. 307-320.

²¹³ OVÍDIO, 2023, p. 346-354.

²¹⁴ *Idem*, p. 356

Dessa maneira, mesmo possuindo toda força, Ájax faleceu, levando, assim, à queda de Tróia. Ainda nas histórias ovidianas, há algo semelhante acerca de um ser mortal transformar-se em imortal na história: Júlio César. No livro XV de Ovídio, há uma apoteose, ou seja, a elevação de um ser humano (mortal) ao status de divindade (imortal) – prática comum na Antiguidade para os heróis e imperadores. O motivo dele ter sido metamorfoseado em divindade encontra-se nos seus feitos para com a Roma Antiga: “Ponto, que seu rei Mitrídates muito orgulhava,/ ter merecido muitos triunfos, e alguns celebrado/ Pra que não fosse, portanto, sempre mortal ao criá-lo, foi necessário àquele ser deus”.²¹⁵ Um ponto crucial destes versos localiza-se logo em seguida à esses louvores sobre Júlio César:

(...) o li e gravei na memória,
e te direi, a fim que o futuro não ignores.
Esses por quem te esforças, Citereia, seu tempo
completou, encerrado os anos devidos à terra.
Que ele aceda aos céus como deus e habite seus templos
tu farás, e o filho dele, que, herdeiro do nome,
suportará sozinho o fardo a si destinado,
e vingador da morte do pai, nos terá a seu lado.²¹⁶

Observa-se que após o louvor do líder militar e ex-ditador romano, Ovídio também louva os feitos futuros de Augusto César, filho de Júlio César.²¹⁷ Este é o eixo central da ligação do poeta romano com o poeta português, pois em ambas narrativas, a memória serve para lembrar os feitos passados com grandiosidade, e acima de tudo, para que possam ser repetidos, seguindo-os como um exemplo de inspiração tanto nos erros como nos acertos: “Esta alma, ora com a morte arrancada do corpo,/ faz brilhar, pra que o nosso Capitólio e Fórum/ sempre proteja, divino Júlio, das sedes excelsas.”²¹⁸ Dessa forma, assim como Camões demonstra na *Ilha dos Amores* a memória de Portugal através dos grandes homens que foram imortalizados na História, tais feitos e personagens são na narrativa camonianiana, assim como fora para as *Metamorfoses* de Ovídio, para inspirar o presente com o passado heroico; inspirar, sobretudo, o D. Sebastião, a fim de que ele pudesse trazer uma segunda época dourada para Portugal.

4.3 A Representação da *Ilha dos Amores*: O Olhar Crítico sobre a Moral

²¹⁵ *Idem*, p. 424.

²¹⁶ *Idem*, p. 425-426.

²¹⁷ O que nos faz questionar o motivo de Ovídio ter sido exilado por Augusto, visto que o próprio foi glorificado pelo poeta romano.

²¹⁸ *Idem*, p. 426.

Visto que o objetivo da *Ilha dos Amores* vai além de apenas do prazer carnal, é fundamental explicitar, com mais afinco, a crítica que Camões tece no Canto X, o último canto da Ilha. Válido retomar que Camões viu de perto toda instabilidade portuguesa, o início da percepção de uma decadência moral e a ausência de novos feitos assim como acontecera no século XV, sobretudo durante o reinado de D. Manuel I. Portanto, como fora dito no tópico anterior, Camões desejava que D. Sebastião pudesse se inspirar no passado e guiar Portugal à uma época dourada. Em um momento de crise em várias instâncias, a representação de Vasco da Gama para o jovem rei D. Sebastião, seria como uma luz para guiá-lo a sair da escuridão.²¹⁹ Tal “escuridão” refere-se, sobretudo, aos territórios em Marrocos, como explorado no segundo capítulo. Entretanto, além das complicações imperiais, há uma frustração no poeta relacionado à corte, na qual é vista ao longo d'*Os Lusíadas* e, principalmente, na *Ilha dos Amores*, no Canto X da estrofe 9:

Vão os anos descendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abandono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpre, ó grão rainha
Das Musas, com que quero à Nação minha.²²⁰

Ao escrever “Do negro esquecimento e eterno sono”, Camões refere-se às dificuldades enfrentadas como poeta no Portugal do século XVI. Como apontado anteriormente, o poeta atravessou um período de instabilidades: foi preso, sofreu um naufrágio, precisou ser ajudado financeiramente pelas mulheres moçambicanas, mesmo tendo saído de Portugal para servir o Império; então, a sua frustração encontrava-se, também, em ser poeta e nobre. Tal crítica é indispensável para a análise da Ilha, pois nos mostra o olhar de Camões para a sua própria classe, para o mundo no qual ele estava inserido. Seu descontentamento e descaso da nobreza, para com as letras, é perceptível na estrofe 145 do mesmo Canto:

No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do Canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza.²²¹

²¹⁹ SANTOS, 2025, p. 42.

²²⁰ CAMÕES, 2022, p. 281.

²²¹ *Idem*, p. 322.

Quando Camões escreveu “Cantar a gente surda e endurecida”, ele se referia a nobreza que não preservava as artes, isto é, a poesia. A *Ilha dos Amores* não é unicamente um prêmio carnal, mas também uma demonstração clara do que um homem deve fazer para alcançar tal imortalidade, principalmente para engrandecer o poeta, visto que é por meio dele que as histórias são contadas. Além disso, trata-se de uma crítica à ausência de apreço dos navegadores que são “endurecidos” às artes. O crítico literário Alcir Pécora dá lume a essa frustração de Camões tece, ao mencionar que “As armas apenas, sem a companhia das letras, significam mais que a falta ou a perda da arte: significam a impossibilidade de continuidade dos feitos grandiosos.”²²² O que remete, mais uma vez, às *Metamorfoses* e a história de Ulisses e Ajax. Embora a história de Ajax focalize no uso da força versus razão, é possível conectar com a crítica que Camões traz na *Ilha dos Amores*, uma vez que o próprio imortaliza tais figuras importantes.

Desse modo, a *Ilha dos Amores* é o encontro da crítica, aos que desprezam as artes, e conselho à D. Sebastião e capitães que desejam ser imortais. Não obstante, as *Metamorfoses* não abordam apenas o aspecto religioso (mitológico), mas, como fora apontado ao longo dos capítulos, de questões sociais e políticas, de críticas a imperadores rígidos como Augusto César. Ovídio narra tais histórias místicas e histórico-políticas, isto é, histórias dos reis, rainhas, deuses, deusas e príncipes, para eternizar o que ele compreende como grandioso, mas principalmente o que não deve ser feito, utilizando a história de Ajax. O poeta latino caminha em uma linha tênue entre a factualidade histórica e a mitificação heróica para narrar sobre: *memória*. Camões também trilha este aspecto histórico-literário em sua escrita, ao premiar os lusos pelas descobertas e ao resgatar a memória da história do povo português n'*Os Lusíadas*. Dessa forma, as profecias cantadas por Tétis chega ao fim:

Até qui, Portugueses, concedido
 Vos é saberdes os futuros feitos
 Que, pelo mar, que já deixais sabido
 Virão fazer barões de fortes peitos.
 Agora, pois que tendes aprendido
 Trabalhos que vos façam ser aceitos
 Às eternas esposas e formosas
 Que coroas vos tecem gloriosas.²²³

Ao escrever “Que coroas vos tecem gloriosas”, Camões se refere ao esforço dos navegadores, sobretudo de Vasco da Gama, e a coragem diante do perigo, no qual elevam o homem ao nível divino. Por terem vencido os perigos do oceano, no qual nenhum português

²²² PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. Editora Edusp, 2018, p. 152.

²²³ CAMÕES, 2022, p.321.

havia explorado além do Cabo das Tormentas, os portugueses conquistaram o direito de entrar para a História, de conhecerem o destino da sua pátria e de serem coroados com a glória eterna. A *Ilha dos Amores* é, como fora dito, um exemplo a ser seguido. E, assim, os lusos partem da Ilha com destino a Portugal, onde receberá “O prêmio e glória dão por que mandou,/ E com títulos novos se ilustrou”²²⁴:

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, para a pátria amada.
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refrescos e nobre sentimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o Mundo aquece.²²⁵

Foi por meio dos conselhos a D. Sebastião, construídos sob a ótica da história do Império Português – apresentado por homens os quais fundaram e expandiram o Império e a Fé cristã –, por meio da viagem de Vasco da Gama, e crítica a nobreza cortesã pela ausência moral, que é possível caracterizar a maneira como Camões representa a *Ilha dos Amores*, inspirado nas *Metamorfoses*:

O poema, segundo Pécora, atua como um juiz, corrigindo ou criticando aqueles que agem de forma errada, seja moralmente (imperfeito) ou legalmente (juridicamente), como o exemplo dos capitães dito acima. A obra não é apenas um projeto político para Dom Sebastião elevar o nível de Portugal, inspirado nos feitos, por exemplo, de Vasco da Gama, mas sim mostrar a importância do poeta para tal feito.

Assim, o elo que une as *Metamorfoses* de Ovídio e a *Ilha dos Amores* de Camões é feito sobre um único ponto de partida: a *memória*. Sem ela, não haveria histórias a serem narradas e cantadas; não haveria, principalmente, conselhos à D. Sebastião, para incentivá-lo a trazer a glória de volta aos dias sombrios que Portugal do século XVI encontrava-se. Portanto, engrandecer o Império é eternizá-lo na linha do tempo da História.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente pesquisa, foi possível analisar que uma obra literária é composta de intencionalidade, de expectativas de horizontes, como aponta Paul Ricoeur, e que pode ser analisada historicamente como um discurso político, tendo em conta a mensagem que visa transmitir. Camões, português do século XVI, enfrentou crises imperiais e coloniais, acompanhou de perto, como militar e poeta, tais transformações militares e políticas. Viu,

²²⁴ *Idem*, p. 321.

²²⁵ *Idem*, p. 321.

também, que “O culto do herói se encontrava muito presente na cultura portuguesa, certamente ligado à dinâmica que presidiu à empresa dos Descobrimentos.”²²⁶, ou seja, a aurora do humanismo alcançou o território luso e a sua escrita, através não apenas de Ovídio, mas também de Homero, Virgílio e tantos outros poetas Antiguidade.

Camões escreveu a *Ilha dos Amores* para passar uma mensagem: Portugal fora um grande Império nos séculos que antecederam o XVI, os homens e navegadores buscavam expandir o império visando não o enriquecimento ou a fama, mas obter novos territórios para que eles pudessem espalhar, também, o cristianismo, a única religião que era o caminho, a verdade e a vida para os lusos. Como apontado no último capítulo, compreender-se como português, era, principalmente, ser português. E, através do sentimento de decadência moral e imperial, Camões teceu, ao longo dos Cantos IX e X, o intuito de inspirar D. Sebastião e os militares do seu tempo, para que pudessem trazer essa antiga Portugal de volta.

Acima de tudo, era fundamental a união entre a força militar e ser sábio o suficiente para apreciar as artes, a poesia, pois são elas que contam os feitos “heroicos”. São os poetas que engrandecem os seres humanos, que dão luz a uma narrativa, sobretudo é por meio dos poetas que nos é possível compreender a mentalidade de um contexto específico, como fora visto ao longo dos três capítulos escritos. Camões não apenas engrandeceu o Império, a partir de grandes figuras, mas o criticou: apresentou como a sociedade portuguesa estava corrompida pela fama e poder, na qual esta corrupção encontrou-se, também, na Igreja, como apontado no último capítulo.

Inspirado nos mitos de Ovídio, principalmente em sua crítica à violência e decadência moral que o poeta romano enfrentou na Antiguidade, Camões adaptou a realidade de Ovídio à sua realidade como português moderno. Este é o coração do humanismo: não se trata de uma mimese sem sentido, sem rigor e sem conhecimento. É, acima de tudo, uma metamorfose (transformação) da intencionalidade baseada no contexto da escrita. Camões agiu retoricamente, ou seja: ele usou a “*linguagem como um meio de fazer as pessoas entenderem o que desejamos que elas entendam*”.²²⁷ Mais ainda, construiu a *Ilha dos Amores* para representar o que ele desejava e enfrentou em Portugal, em Goa, em Macau e na Ilha de Moçambique com as mulheres moçambicanas. A *Ilha dos Amores* retrata, para além dos prazeres das ninfas com portugueses, a perspectiva dos acontecimentos do seu tempo.

²²⁶ BINET, 2026, p. 5

²²⁷ LIMA, Marcos Aurélio de. A Retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia. Natal: IFRN, 2011, p. 14.

A retórica, segundo Aristóteles, tem como objetivo persuadir, convencer o público. Neste caso, Camões tinha o intuito de convencer os seus leitores, isto é, a corte portuguesa e, principalmente, D. Sebastião: inspirarem através de sua escrita, de seus conselhos e críticas. E para persuadi-los, para inspirá-los e criticá-los, Camões inspirou-se no poeta Ovídio, utilizou da narrativa do prazer carnal, dos seres míticos, para seduzi-los a enaltecer o povo português e o Império. O uso da narrativa erótica tem um ponto de verossimilhança com Ovídio, mas também tem o que o Oriente representava para o Ocidente. Carregados de valores simbólicos narrativos (lendas e mitos), as Índias eram vistas como o ponto de partida onde se materializam os sonhos de “exotismo, de riqueza, de mistério dos portugueses”²²⁸.

O Oriente, referindo-se sobretudo à Índia, é representado por Ana Binet como “o paraíso perdido”.²²⁹ No entanto, este paraíso perdido, gênese do erotismo, que influenciaram lendas e mitos, viria nos finais do século XVI a iniciar o sentimento de “decadência”, como apontado por Arthur Feller. Dessa forma, a representação mítica da Ilha não se distancia da história factual, muito pelo contrário, aproxima-se dela. Através da configuração narrativa, Camões reorganizou, deu um novo sentido mitológico para criar uma representação de poder, capaz de refigurar a identidade e memória nacional de um Portugal em crise. Portanto, diante de tantos desenganos, de dificuldades enfrentadas por Camões, o poeta buscou, através da *Ilha dos Amores*, premiar os esforços vividos por Vasco da Gama e a sua tripulação, como uma forma simbólica de glorificar todos aqueles que não tiveram o prêmio em vida, mas sim pós-morte: foram imortalizados na *Ilha dos Amores* e, futuramente, na memória do povo luso até o século XXI.

²²⁸ BINET, 2026, p. 5.

²²⁹ *Idem*, p. 6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte documental

BROOKE, Arthur; PAINTER, William. *Romeus and Iuliet / Rhomeo and Julietta*. Edited by P. A. Daniel. London: N. Trübner & Co, 1875.

TUTIKIAN, Jane. *Os Lusíadas*. Porto Alegre: L & PM, 2022.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Silvia Maria. *Revista Camoniana*. Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 1978, p. 105-110.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006, p. 245.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COIMBRA. *Biografia de Luís Vaz de Camões*. 2024, p.3.

BINET, Ana Maria de Albuquerque. *O Episódio da Ilha dos Amores, uma Imago Mundi entre Oriente e Ocidente*. In: Portugal-Goa: Ensaios de História e Literatura. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [s.d], p. 3. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17865.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2026.

BOXER, Charles Ralph. *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.66-69.

BUENO, Eduardo. *A Viagem do Descobrimento: um olhar sobre a expedição de Cabral*. São Paulo: Editora Estação Brasil, 2019.

CAMÕES, Luís de. *Amor é um fogo que arde sem se ver*. Jornal de Poesia, 2024. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/poesia.html>. Acesso em: 24 abr. 2026.

CARDOSO, Arthur Feller Rigaud. *"Doutrina política, moral, muitos exemplos e muitas verdades": o "Soldado Prático" e os usos políticos do diálogo no Império Português (1564-1612)*. 2021. 81 f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021, p. 44.

CARDOSO, Arthur Feller Rigaud. *O Doce do Açúcar e o Perfume das Especiarias: discursos políticos sobre os Estados do Brasil e da Índia na Monarquia Hispânica*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2024, p. 15-16.

COELHO, Ana Lúcia Santos. *Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, v. 9, n. 1, 2014, p. 2.

COSTA, José Pereira da. *Luís de Camões: transcrição dos documentos da Torre do Tombo*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 2005, p. 6.

DEUSES GREGO-ROMANOS. *Deusa da Fama: história, mito e significado*. Deuses Gregos, [s.d.]. Disponível em: <https://deusesgregos.com.br/deusa-da-fama/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FAGUNDES, Eduardo de Souza. *Os Lusíadas e a apropriação da mitologia clássica*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FRANCO, Marcia Arruda (ed.). *Vidas de Camões no século XVII: escritas por Pedro de Mariz, Manuel Severim de Faria, Manuel de Faria e Sousa, João Franco Barreto*. Introdução, tradução e notas de Marcia Arruda Franco. São Paulo: Madamu, 2024, p. 259.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As Cruzadas*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 7-47.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HISTÓRIAS DE ROMA. Arquivo de março de 2018. Histórias de Roma, 2018. Disponível em: <https://historiasderoma.com/2018/03/>. Acesso em: 1 jul. 2026.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A Retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia*. Natal: IFRN, 2011, p. 14.

LOUREIRO, João. *A Casa de Camões habita o imaginário popular na Ilha de Moçambique*. Observatório da Língua Portuguesa, 2021. Disponível em: <https://observalinguaportuguesa.org/casa-de-camoes-habita-imaginario-popular-na-ilha-de-mo-cambique/>. Acesso em: 24 abr. 2026.

MARAVALL, José Antônio. *A Cultura do Barroco: análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EDUSP, 1997.

MARIA BOBONE, Carlos. *Vida e Obra*. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2024, p. 57-67.

MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p. 458.

MILLER, John F. *Modeling Reception in Metamorphoses: Ovid's Epic Cyclops*. In: FELDHERR, Andrew (org.). *A Handbook to the Reception of Ovid*. [S. l.: s. n.], 2014. p. 1-5.

NICOLAU, Maquiavel. *O Príncipe*. Barueri: Garnier, 2023.

PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. Editora Edusp, 2018, p. 152.

PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*. 2012, p. 191-522.

PINTO DE CASTRO, Aníbal. *Retórica e Teorização Literária em Portugal: Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973, p. 9.

PUBLIO, Ovídio Nasão. *As Metamorfoses*. Editora Penguin Companhia, 2023.

RAMALHO, Américo da Costa. *A Ilha dos Amores e o Inferno Virgiliano: comunicação apresentada à I Reunião Internacional de Camonistas realizada em Lisboa de 15 a 18 de novembro de 1972*. Lisboa: [s. n.], 1973, p. 418-419.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa (Tomo I)*. São Paulo: Papirus, 1994, p. 86-111.

SANTOS, Camylle Laís Pedrosa Neves dos. *Entre a Factualidade Histórica e a Mitificação Heroica: A Representação de Vasco da Gama na modernidade*. Recife: UFRPE, 2026.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Versão para eBook. [S. l.]: Ridendo Castigat Mores: eBooksBrasil, p. 162-165.

SILVA, Luís de Oliveira. *Ideologia e Retórica N'Os Lusíadas*. Biblioteca Digital: Universidade de Coimbra, 2012, p. 127.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Cap. 4: A Renascença florentina.

WASSENHOVEN, Marc. *O Principado de Augusto*. Tradução de Alexandre de Oliveira. World History Encyclopedia, 2024. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-2363/o-principado-de-augusto/>. Acesso em: 1 jul. 2026.